

Angela Fabíola Alves Chagas

**ASPECTOS SEMÂNTICOS, MORFOLÓGICOS E  
MORFOSSINTÁTICOS DAS PALAVRAS DESCRITIVAS  
APURINÃ**

**ORIENTADORA:**

Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

**CO-ORIENTADOR:**

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes

Belém

Universidade Federal do Pará

2007

Angela Fabíola Alves Chagas

**ASPECTOS SEMÂNTICOS, MORFOLÓGICOS E  
MORFOSSINTÁTICOS DAS PALAVRAS DESCRITIVAS  
APURINÃ**

**ORIENTADORA:**

Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

**CO-ORIENTADOR:**

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes

Belém

Universidade Federal do Pará

2007

Angela Fabíola Alves Chagas

**ASPECTOS SEMÂNTICOS, MORFOLÓGICOS E  
MORFOSSINTÁTICOS DAS PALAVRAS DESCRITIVAS  
APURINÃ**

Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Letras – Linguística – da  
Universidade Federal do Pará, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
mestre em Linguística.

Banca Examinadora:

---

Dra. Marília de N. de O. Ferreira  
(Professora Orientadora)

---

Dra. Carmen L. Reis Rodrigues  
(Professora Examinadora)

---

Dr. Sebastian Drude  
(Professor Examinador)

---

Dra. Eulália Sobral Toscano  
(Suplente da banca)

# **SUMÁRIO**

## **AGRADECIMENTOS**

## **RESUMO**

## **ABSTRACT**

## **LISTA DE ABREVIACOES**

## **LISTA DE TABELAS**

## **0.INTRODUÇÃO**

### 0.1. O povo e a língua Apurinã

0.1.1. Informações etnográficas sobre o povo Apurinã

0.1.2. Informações gerais sobre a língua Apurinã

0.1.3. Estudos prévios sobre a língua

### 0.2. Objetivos

0.2.1. Objetivo Geral

0.2.2. Objetivos Específicos

### 0.3. Metodologia

0.3.1. Informantes

0.3.2. Coleta de dados

0.3.3. Análise dos dados

## **CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO**

### 1.1. Introdução

### 1.2. Algumas Considerações sobre ‘Adjetivos’

1.2.1. Tipos Semânticos e Partes do Discurso

1.2.2. Critérios de identificação de ‘adjetivos’ com as partes do discurso

1.2.2.1. ‘Adjetivos’ e Nomes

1.2.2.2. ‘Adjetivos’ e Verbos

1.3. Relações Gramaticais: Sistemas Cindidos

1.3.1. Visão Geral:

1.3.2. Intransitividade Cindida

1.3.2.1. S-Cindido

1.3.2.2. S-Fluido

1.4. *Aktionsart*

1.5. Morfologia Derivacional

## **CAPÍTULO II: O QUE SÃO OS DESCRITIVOS APURINÃ?**

2.1. Introdução

2.2. Descritivos e Nomes: Semelhanças Morfológicas

2.2.1. Morfemas Aumentativos

2.2.2. Morfemas Diminutivos

2.2.3. Formas Pronominais Subjetivas

2.3. Descritivos e Verbos: Semelhanças Morfológicas

2.3.1. Verbalizador **-ta**

2.3.2. Formas Pronominais Subjetivas

2.3.3. Formas Pronominais Objetivas

2.3.4. Correferencialidade Pronominal

2.3.5. Morfema Progressivo

2.3.6. Morfema Fortuito/Casual

2.3.7. Morfema Aumentativo

## 2.4. Classificação dos Descritivos

# **CAPÍTULO III: AS SUBCLASSES DOS DESCRITIVOS: PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS E SEMÂNTICAS**

## 3.1. Introdução

## 3.2. Distinções entre os Verbos Intransitivos Padrão (VIP) e os Verbos Intransitivos Descritivos (VID)

### 3.2.1. Distinção Semântica

### 3.2.2. Distinção Morfossintática

## 3.3. Distinção entre os Verbos Intransitivos Descritivos Subjetivos (VIDS), Objetivos (VIDO) e Ambivalentes (VIDA).

### 3.3.1. Distinção Morfossintática

#### 3.3.1.1. S-Cindido nos Descritivos Apurinã

#### 3.3.1.2. S-Fluido nos Descritivos Apurinã

### 3.3.2. Distinção Semântica

#### 3.3.2.1. *Aktionsart* Definida

#### 3.3.2.2. *Aktionsart* Indefinida

# **CAPÍTULO IV: MORFOLOGIA DERIVACIONAL DOS DESCRITIVOS OBJETIVOS**

## 4.1. Introdução

## 4.2. Derivação dos verbos “Não-descritivos”

## 4.3. Derivação dos verbos Descritivos Objetivos

### 4.3.1. Verbalizadores: **ka-** e **pu-**

### 4.3.2. Verbalizadores Intensificadores: **pa-** e **my-**

4.3.3. Verbalizador Privativo: **ma-**

4.3.4. Verbalizador Reversivo: **wẽ-**

4.4. Algumas Considerações sobre a Morfologia dos Verbos Descritivos

## **CAPÍTULO V: RECLASSIFICAÇÃO DOS DESCRITIVOS SUBJETIVOS**

5.1- Introdução

5.2. Semântica dos Descritivos Subjetivos

5.3. Morfossintaxe dos Descritivos Subjetivos

5.4. Morfologia Derivacional dos Descritivos Subjetivos

5.5. Reclassificação dos Descritivos Subjetivos

**CONCLUSÃO**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## **DEDICATÓRIA**

a Clemilson, meu amor e amigo.



## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado não apenas do esforço pessoal feito por nós, mas também da colaboração de várias pessoas que acreditaram nele.

Agradeço primeiramente ao povo Apurinã por ter compartilhado comigo sua língua e sua cultura. Em especial a Norá, Inácio, Augustinho Mulato, D. Izaura, João Baiano, D. Mirá e ao menino Augustinho, que foram meus principais informantes.

Agradeço a meus pais e irmãos por todo apoio e incentivo que me deram ao longo destes anos.

Agradeço ao meu noivo por seu amor, carinho e confiança.

Agradeço a minha orientadora Marília Ferreira, pelo tempo que dedicou a este trabalho, pela paciência e, principalmente, pela sua amizade.

Agradeço ao professor Sidney Facundes, meu eterno orientador, por dividir comigo seus conhecimentos científicos; por ter me ensinado a fazer lingüística; por ter proporcionado o meu contato com os índios Apurinã; por ter se feito presente, mesmo estando ausente; mas, principalmente, pela confiança que depositou na minha capacidade.

Agradeço ao Dr. Sebastian Drude, pelas críticas e sugestões feitas, as quais foram de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à Dra. Ana Vilacy pelo material emprestado.

Agradeço à D. Fátima e seu Adalcir por terem me ajudado no contato com os informantes no período em que estive hospedada em sua casa.

Agradeço à Ana Paula por todas as vezes que eu precisei de sua ajuda, a qual nunca me foi negada.

Agradeço à Eládia Duarte por me ajudar, eventualmente, com o trabalho de campo.

Agradeço aos meus amigos Almir, pelos momentos de discussão e desabafo; Arlon, por fazer trabalhos comigo; e Cleuma pelas horas de estudo e por ser uma amiga tão dedicada e fiel.

Agradeço ao CIMI (Conselho Indigenista Missionário), em especial a figura do Hoadson, por ter nos ajudado com o acesso às comunidades Apurinã.

Agradeço ao apoio financeiro do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para as viagens a campo.

“A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com palavras o supremo saber de todas as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência.”

(Friedrich Nietzsche)

## RESUMO

Este trabalho apresenta aspectos semânticos, morfossintáticos e morfológicos das palavras descritivas da língua Apurinã (Aruák), isto é, palavras que comumente são traduzidas como adjetivos nas línguas européias. Algumas dessas palavras recebem a marca de sujeito pronominal (ex. **u**-natxitapeka 'ela está com fome'); outras recebem a marca de objeto (ex. ere-**ru** 'ela é bonita'); e outras podem receber tanto uma como a outra (ex. **ny**-pĩkareta 'eu estou com medo' vs. papĩkare-**nu** 'eu sou medroso'). A primeira questão aqui tratada foi quanto ao lugar das palavras descritivas nas partes do discurso Apurinã (são nomes, são verbos ou formam uma classe independente?). Utilizando evidências internas da língua, inicialmente estabelecemos uma classificação gramatical para essas palavras a partir de suas propriedades morfológicas em comparação aos nomes e verbos na língua, de modo a nos permitir responder a essa questão. A segunda questão foi sobre os correlatos semânticos das palavras descritivas. Considerando a divisão interna das palavras descritivas em Apurinã (subjativas vs. objetivas), apresentamos as propriedades semânticas associadas a cada grupo e, a partir disso, apresentamos uma tentativa de motivar o subagrupamento de conceitos descritivos na língua com base nas noções aspectuais de transitoriedade e permanência. Finalmente, o fenômeno gramatical descrito é contextualizado dentro da tipologia de sistemas de intransitividade cindida descrito para outras línguas (PAYNE: 1997), e a descrição de suas propriedades semânticas é situada em relação à tipologia de aspectos lexicais ou *aktionsarten* (COMRIE: 1976, FRAWLEY: 1992).

Palavras-Chaves: descritivos, verbo intransitivo, aspecto lexical, adjetivo, Apurinã.

## ABSTRACT

This work presents semantic, morphosyntactic and morphological aspects of the descriptive words of the Apurinã language (Aruákan), that is, words that commonly are translated as adjectives in the European languages. Some of those words receive the mark of pronominal subject (e.g. **u**-natxitapeka 'she is hungry'); while others receive the objective mark (e.g. ere-**ru** 'she is beautiful'); and other ones can receive either subjective and objective markers (e.g. **ny**-pĩkareta 'eu estou com medo' vs. papĩkare-**nu** 'eu sou medroso'). The first think treated was about the place of the descriptive words in the Apurinã parts of the speech (are they names, are they verbs or do they form an independent class from these?). Using internal evidences of the language, initially we have established a grammatical classification for those words starting from their morphological properties in comparison with the names and verbs in the language, with the purpose of answer these questions. The second think is on the semantic correlates of the descriptive words. Considering the intern division of the Apurinã descriptive words (subjective vs. lenses), we presented the semantic properties associated to each group and, starting from that, we presented an attempt of motivating the sub grouping of descriptive concepts in the language with base in the aspectual notions of transitoriness and permanence. Finally, the described grammatical phenomenon is contextualized inside of the typology of systems of split intransitivity described for other languages (PAYNE: 1997), and the description of their semantic properties is located in relation to the typology of lexical aspects or *aktionsarten* (COMRIE: 1976, FRAWLEY: 1992).

Key-words: descriptive, intransitive verb, lexical aspect, adjective, Apurinã.

## LISTA DE ABREVIACOES<sup>1</sup>

A	sujeito do verbo transitivo
adj	adjetivo
aum	aumentativo
dim	diminutivo
f	feminino
fort	fortuito
fut	futuro
hipot	hipotético
int	intensificador
m	masculino
P	objeto do verbo transitivo
pl	plural
priv	privativo
prog	progressivo
reflex	reflexivo
rev	reversivo
S	sujeito do verbo intransitivo
Sa	sujeito do verbo intransitivo semelhante a A
sg	singular
Sp	sujeito do verbo intransitivo semelhante a P
subst	substantivo

---

<sup>1</sup> As abreviações utilizadas neste trabalho foram criadas por nós.

vblz	verbalizador
vid	verbo intransitivo descritivo
vida	verbo intransitivo descritivo ambivalente
vido	verbo intransitivo descritivo objetivo
vids	verbo intransitivo descritivo subjetivo
vip	verbo intransitivo padrão
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa

## **LISTA DE FIGURAS E TABELAS**

Figura 1: Localização de algumas aldeias Apurinã

Figura 2: Distribuição Gramatical dos Descritivos

Tabela 01: Pronomes Presos Subjetivos

Tabela 02: Pronomes Presos Objetivos

Tabela 03: Propriedades de Nomes, Verbos e Descritivos

Tabela 04: Distribuição Pronominal Apurinã

Tabela 05: Tipos Semânticos

Tabela 06: Semântica dos Verbos Intransitivos

Tabela 07: Agrupamento Pronominal dos Verbos Intransitivos

Tabela 08: Processos Derivacionais dos Verbos Intransitivos



## 0.INTRODUÇÃO

### 0.1. O povo e a língua Apurinã

#### 0.1.1. Informações etnográficas sobre o povo Apurinã

Segundo Facundes (2000, p. 3), “Apurinã” é o nome usado no Brasil para se referir ao povo *Pupÿkarywakury* e à língua por ele falada. Existem várias outras denominações encontradas para este grupo, porém, este termo é o mais freqüentemente usado pelos membros dessa etnia para se referirem a si mesmos quando falam Português.

De acordo com Schiel, (2004, p. 56), o território antes habitado pelos Apurinã era o Médio Purus, mas, por serem um povo nômade, seu território, atualmente, estende-se desde o Baixo Purus (no estado do Amazonas) até Rondônia e está dividido em 27 Terras Indígenas.

Por ser um povo muito espalhado, é difícil estimar o número de indivíduos pertencentes a esta etnia. Segundo Facundes (2000), há mais de 2000 índios Apurinã; porém segundo dados do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), existiam em 2002 cerca de 1.650 indivíduos e de acordo com a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), em 2003 existiam aproximadamente 4.057 Apurinã.

De acordo com Kroemer, (1985, p. 30-1 *apud* SCHIEL, 2004, p. 57) o contato com os não-índios iniciou-se na década de 1870, por ocasião da extração das chamadas “drogas do sertão” - cacau, copaíba, borracha, etc. - abundantes naquela região. As primeiras notícias sobre esse povo foram dadas por Chandless (1867 *apud*

FACUNDES: 2000). Segundo ele, os “‘Hypurinãs’ eram afeiçoados à guerra e viviam constantemente empregados nela, principalmente nas guerras de sua própria tribo, que as promoviam freqüentemente” (CHANDLESS: 1867 *apud* KROEMER: 1985, p. 106). A guerra interna é apontada como um dos possíveis motivos de sua diáspora, pois eles lutavam até a morte do último membro de um dos lados envolvidos e a única forma de se evitar isso era através da fuga.

Em termos de organização social, os Apurinã dividem-se em dois grupos: os *Xiwapurynyry* e os *Meetymanety*. A principal distinção entre esses grupos diz respeito aos hábitos alimentares de cada um deles e em nada tem a ver com divisão espacial (SCHIEL: 2004, p. 62). Os *Xiwapurynyry*, por exemplo, são proibidos de comer nambu, um tipo de ave; enquanto que os *Meetymanety* não podem comer um determinado tipo de porquinho do mato.

Todos os membros de um determinado grupo são considerados irmãos, de tal forma que só é permitido o casamento entre membros de grupos distintos. O pertencimento de um indivíduo a um desses grupos é determinado pela linhagem paterna.

Segundo a cosmologia Apurinã, Tsurá é o criador de todas as coisas existentes. O mito da criação do mundo, para eles, inicia com a figura de Maiurperu, mulher velha e monstruosa que enviou o fogo para matar todos os índios. Depois do incêndio, ela comia os ossos das pessoas más - que possuem ossos moles - e enterrava o das pessoas boas, de onde teriam se originado a batata e a mandioca. Apenas duas mulheres escaparam do fogo, porque subiram em árvores, mas somente uma delas, Iakuneru, por fim, sobreviveu. Esta ficou grávida do katukana (canudo de aspirar rapé) do pajé, que tomava forma humana durante a noite. Por causa da gravidez, Iakuneru foi expulsa e foi para casa de seus parentes, porém perde-se no caminho, indo parar na aldeia dos

Katsamãũteru. Lá as mulheres a escondem, mas os homens a descobrem e a matam, tirando de seu ventre a bolsa fetal, que é atirada para a floresta. Daí, nascem quatro crianças Yporõky, Arotã, Ixirõky e Tsurá, o mais fraco, porém, o mais engenhoso dos quatro. Quando adultos, os irmãos vingam a morte de sua mãe, matando um a um, os seus assassinos. No entanto, durante essa batalha apenas Tsurá sobrevive e ao fugir encontra sua tribo de origem. Lá é proclamado chefe e leva seus guerreiros a muitas vitórias. Após sua morte, seu corpo é arrebatado para as nuvens e desde então, ele é considerado o herói dos Apurinã. De acordo com Kroemer (1985, p. 120),

“por causa desse mito suspeita-se de que o registro do mesmo só possa ter sido feito em regiões assoladas por incêndios de savanas, e nunca em regiões inteiramente cobertas de floresta virgem, densa e úmida, onde anualmente se repetem enormes inundações, como no Purus. Este fato leva a conclusões de que os Apurinã receberam ou trouxeram o seu mito de regiões distantes, situadas em zonas de campos, ou do sudeste da Guiana ou das savanas da Bolívia oriental”.

#### 0.1.2. Informações gerais sobre a língua Apurinã

Os Apurinã são um povo bilíngüe, sendo que o Português é a língua majoritária na maior parte das comunidades. De acordo com Facundes (2000, p. 42), a língua Apurinã pertence à família Maipure, conhecida no Brasil como Arawák. A língua geneticamente mais próxima a esta é a língua Piro ou Mantineri.

Segundo Facundes (2000, p. 52), Apurinã é uma língua do tipo polissintético, isto é, sua morfologia verbal é rica e extensa, tanto em termos da quantidade de afixos

que se agregam à raiz verbal, quanto em termos de valor semântico desses afixos. A rica morfologia desta língua não implica ausência de operações sintáticas, mas sim que muitas funções gramaticais são geralmente codificadas em sua morfossintaxe, ou seja, elas são expressas por formas que parcialmente obedecem a regras morfológicas, mas também a regras sintáticas.

Em termos de seus constituintes oracionais, a ordem mais frequentemente encontrada em textos é VO. A língua possui uma estrutura silábica (C)(V)V; um sistema de gênero baseado na distinção gramatical feminino/masculino; um sistema de classes de nomes morfológicamente marcados, baseado na noção de posse alienável/inalienável; e um sistema de classificação nominal que consiste de nomes com funções classificatórias que ocorrem como parte de um sistema de nomes compostos.

### 0.1.3. Estudos prévios sobre a língua

As informações mais antigas sobre a língua Apurinã datam do fim do século XIX e início do XX, são os trabalhos de Polak (1894 *apud* FACUNDES: 2000), que escreveu algumas notas sobre a fonologia e a gramática Apurinã; e o de Koch-Grünberg (1919 *apud* FACUNDES: 2000) que fez um vocabulário contendo notas sobre a fonologia da língua. Mais tarde, na década de 1970, alguns missionários do *Summer Institute of Linguistics*, a saber, Wilbur Pickering, Ida Pickering e Kathy Aberdour, fizeram, além de estudos sobre a fonologia, descrições preliminares da morfologia e sintaxe Apurinã.

Atualmente, existem vários trabalhos acadêmicos sobre esta língua, dentre eles uma tese de doutoramento de Facundes (2000). Além de vários trabalhos de conclusão de curso de alunos vinculados ao projeto de análise e descrição da referida língua, tais

como o de Chagas (2004), Sousa (2004), Castro (2006) e Brandão (2006). Há também a tese de doutoramento de Schiel (2004) que trata da história e da cultura do povo Apurinã.

O trabalho de Facundes consiste em uma gramática da língua, na qual aborda os principais fenômenos lingüísticos recorrentes na mesma. Em seu trabalho, Facundes analisa os processos fonológicos da língua; sua morfologia verbal e nominal; sentenças simples e complexas, entre outros aspectos. O trabalho de Schiel tem caráter mais etnográfico e consiste de uma investigação da memória Apurinã, através de suas narrativas orais.

Chagas (2004) fez um estudo preliminar dos descritivos, considerando seu comportamento morfológico, semântico e sintático, para, então, estabelecer uma classificação para eles. Sousa abordou os problemas relacionados ao gênero da língua, tentando identificar os tipos de marcação existentes e a influência da língua portuguesa nessas marcações. O trabalho de Castro teve por objetivo a identificação e classificação preliminar dos textos existentes nessa língua, que são de cunho: narrativo, procedural e dramático. Finalmente, foi desenvolvido por Brandão um dicionário de fauna e flora Apurinã a partir de pesquisa etnolingüística sobre a língua.

Facundes (2000) observou a existência das palavras descritivas na língua Apurinã e classificou-as como verbos intransitivos. Além disso, observou também o fato de que algumas dessas palavras podem carregar os pronomes de sujeito, enquanto que outras podem carregar os pronomes de objeto. Desta forma, tais palavras foram denominadas por ele de verbos descritivos subjetivos e objetivos, respectivamente. Facundes fez também uma análise preliminar da morfologia de tais palavras.

Em seu trabalho, Chagas (2004) faz uma análise um tanto mais aprofundada sobre as palavras descritivas Apurinã. Inicialmente, Chagas trata da distinção semântica

que há entre os verbos intransitivos padrão (ativos) e os intransitivos descritivos (estativos). Ainda em relação à semântica dos descritivos, Chagas nos mostra que os descritivos subjetivos são verbos que expressam estados mais passageiros (ex. *ny-keraka* ‘eu estou magro’), enquanto que os descritivos objetivos expressam estados mais duradouros (ex. *maxinyke-nu* ‘eu sou magro’). Fala também sobre a morfossintaxe dos descritivos e observa que o fato de alguns deles serem completados por pronomes de sujeito e outros por pronomes de objeto podem ser indícios de que essa classe de palavras segue o modelo gramatical Split-S e não ao Nominativo-Acusativo, como os demais verbos da língua.

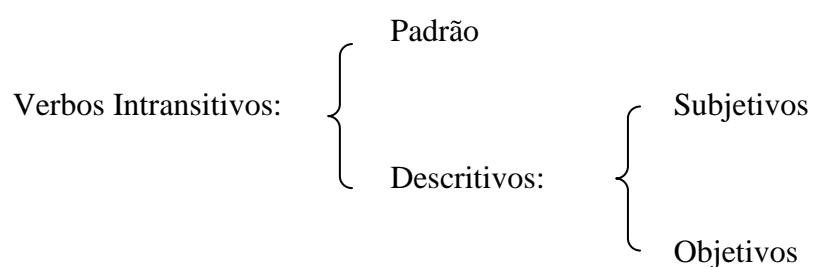
O presente trabalho acrescenta ao estudo dos descritivos uma comparação de suas características morfológicas com os nomes e verbos da língua Apurinã para mostrar a qual classe gramatical eles realmente pertencem. Em outras palavras, este trabalho expõe os motivos que levaram Facundes (2000) e Chagas (2004) a chamarem as palavras descritivas de verbos e não de nomes ou de adjetivos, o que não havia sido feito anteriormente.

Outra novidade que o estudo apresenta é a identificação de uma terceira classe de descritivos, à qual denominamos de ambivalente, pelo fato de os verbos dessa subclasse poderem carregar ora uma, ora outra série pronominal.

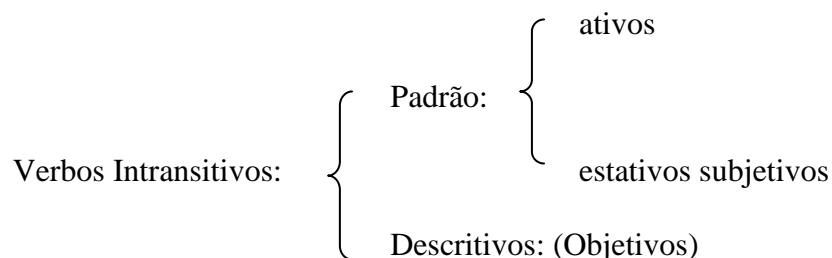
Outro ponto inovador do trabalho é a tentativa de esclarecer a (possível) motivação semântica que explicaria o fato de um grupo de descritivos pedir como complemento um pronome de sujeito e outro grupo pedir um pronome de objeto.

Neste trabalho, também pudemos observar que apenas os descritivos objetivos possuem morfologia própria, ou seja, que a morfologia apresentada por Facundes (2000) e Chagas (2004) como sendo descritiva, na verdade restringe-se apenas à subclasse dos descritivos objetivos.

Finalmente, após um estudo mais minucioso das características dos descritivos Apurinã, propomos uma reclassificação para os descritivos subjetivos que nos trabalhos anteriores haviam sido agrupados hierarquicamente ao lado dos descritivos objetivos, uma vez que para sua classificação só havia sido levado em consideração fatores semânticos. Neste trabalho, levamos em consideração também sua morfologia e morfossintaxe, o que nos fez rearranjar o lugar dos descritivos subjetivos que agora fazem parte dos verbos intransitivos padrão. Na classificação dada por Facundes (2000) e Chagas (2004) os descritivos subjetivos apareciam no seguinte lugar no sistema classificatório de verbos intransitivos da língua Apurinã:



Neste trabalho, a classificação dos verbos intransitivos foi disposta da seguinte forma:



## 0.2. Objetivos

### 0.2.1. Objetivo Geral

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar as principais características das palavras descritivas Apurinã, a fim de estabelecer-lhes uma classificação gramatical.

### 0.2.2. Objetivos Específicos

- definir o que são as palavras descritivas Apurinã;
- determinar quantas e quais são as suas possíveis subclasses;
- identificar as motivações que levam à criação da classe dos descritivos;
- analisar a morfologia inerentemente descritiva, para observar até que ponto essas palavras se assemelham ou se diferenciam das demais classes de palavras da língua;
- estabelecer o lugar das palavras descritivas entre as classes de palavras da língua Apurinã.

## 0.3. Metodologia

A metodologia empregada neste trabalho consistiu de leituras bibliográficas, de pesquisas de campo e da análise dos dados coletados. O método de pesquisa utilizado foi o indutivo, que parte do particular em direção ao geral. De acordo com este método, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas sim constatada a partir da



observação de um número significativo de casos concretos, suficientemente confirmadores de uma realidade. Isto é o que foi feito neste trabalho, ou seja, analisamos individualmente várias palavras descritivas, para que pudéssemos verificar o que elas possuíam de comum ou de diferente entre si, a fim de estabelecer generalizações quanto as suas características semânticas, sintáticas e morfológicas.

### 0.3.1. Informantes

Ao longo de nossa pesquisa, trabalhamos com seis informantes, entre homens e mulheres, todos falantes fluentes em Português e em Apurinã. Desses seis, quatro têm mais de 50 anos, pois, infelizmente, os indivíduos mais jovens são falantes apenas de Português, com raras exceções, de forma que só obtivemos um informante jovem, que, na ocasião da pesquisa possuía menos de 20 anos. O outro informante possui pouco mais de 45 anos.

Sabendo da diversidade lingüística existente em Apurinã, optamos por trabalhar com falantes de comunidades distintas, a fim de não restringir nosso trabalho à análise de apenas uma variante dessa língua. No entanto, observamos que para o presente estudo a língua mostrou-se homogênea, não sendo necessário falar em variação dialetal no momento.

### 0.3.2. Coleta de dados

Os dados utilizados para a confecção deste trabalho são provenientes de entrevistas com falantes nativos de diferentes comunidades Apurinã (tais como: Nova Fortaleza, Tucumã, Vista Alegre, Majuriã, Tawamirim, Seruini), em duas viagens a campo (julho/2005 e julho/2006) por nós empreendidas.



Figura 1: Localização de algumas aldeias Apuríñã

Nessas viagens, foram gravadas e transcritas palavras e frases isoladas, bem como mini-textos descritivos. Também foram utilizados dados de Facundes (2000) e do banco de dados Apuríñã organizado por Facundes e Brandão.

A transcrição dos dados na dissertação segue a ortografia da língua proposta por Facundes, cuja representação é a seguinte (FACUNDES e BRANDÃO, no prelo):

VOGAIS CURTAS			
LETRAS	IPA	APURINÃ	PORTUGUÊS
a	a	<u>a</u> th <u>a</u>	nós
e	e	<u>e</u> pi ker <u>e</u> rupa	dois Quem é ela?
i	i	<u>i</u> xirata	ladeira
u	u	<u>u</u> k <u>u</u> myna T <u>u</u> ra k <u>u</u> kui	árvore de oko Tsorá gavião
y	i	<u>y</u> ky k <u>y</u> ky u <u>y</u>	semente, caroço homem olho
ã	ã	t <u>ã</u> ta	casca
ẽ	ẽ	tata <u>ẽ</u>	vinho de umari
ĩ	ĩ	<u>ĩ</u> tupa	mata
ỹ	ĩ	<u>ỹ</u> tanuru	mulher dele
ũ	ũ	<u>ũ</u> tanury	marido dela

VOGAIS LONGAS			
LETRAS	IPA	APURINÃ	PORTUGUÊS
<b>aa</b>	<b>a:</b>	<b><u>aa</u>pukutxi</b>	comunidade
<b>ee</b>	<b>e:</b>	ate <u>ee</u> neka	pois é, então
<b>ii</b>	<b>i:</b>	anh <u>ii</u> ru	tumor
<b>yy</b>	<b>i:</b>	<b><u>yy</u>nyry</b>	Xingané
<b>uu</b>	<b>u:</b>	<b><u>uu</u>ma</b>	quente
<b>ãa</b>	<b>ã:</b>	<b><u>ãa</u>ta</b>	canoa de jatobá
<b>ẽe</b>	<b>ẽ:</b>	<b><u>tee</u></b>	gaiivota
<b>ïi</b>	<b>ï:</b>	<b><u>ïi</u>txi</b>	gordura, banha
<b>ỹy</b>	<b>ỹ:</b>	<b><u>kỹy</u>ry</b>	rato coró
<b>ũu</b>	<b>ũ:</b>	ut <u>ũu</u>	rosto dela

### Ditongos

- a + i** ⇒ **ai** ⇒ **upai** pato
- a + u** ⇒ **au** ⇒ **nhaunhau** garça corta-água
- i + u** ⇒ **iu** ⇒ **kikiu** roçado
- u + i** ⇒ **ui** ⇒ **kukui** gavião
- ẽ + i** ⇒ **ẽi** ⇒ **musẽi** panela grande

CONSOANTES			
CONSOANTES	IPA	APURINÁ	PORTUGUÊS
<b>p</b>	<b>p</b>	<b>anãpa</b>	cachorro
<b>t</b>	<b>t</b>	<b>tata</b>	umari
<b>k</b>	<b>k</b>	<b>keta</b> <b>kyru</b>	atirar vovó
<b>m</b>	<b>m</b>	<b>pama</b>	pama
<b>n</b>	<b>n</b>	<b>nuta</b>	Eu/me/mim/meu/minha
<b>nh</b>	<b>ŋ</b>	<b>kinha</b>	capelão, guariba
<b>ts</b>	<b>ts</b>	<b>ytsa</b>	Fio, cipó
<b>tx</b>	<b>tʃ</b>	<b>txipary</b>	banana
<b>th</b>	<b>ç</b>	<b>atha</b>	nós, nos, nosso
<b>s</b>	<b>s</b>	<b>suty</b>	veado roxo
<b>x</b>	<b>ʃ</b>	<b>xamyna</b>	lenha, fogo
<b>h</b>	<b>h</b>	<b>hãty</b>	Um
<b>r</b>	<b>r</b>	<b>irary</b>	queixada
<b>w</b>	<b>w</b>	<b>watxa</b> <b>awiri</b>	hoje, agora rapé
<b>i</b>	<b>j</b>	<b>maiury</b>	urubu

### 0.3.3. Análise dos dados

Partimos, inicialmente, da comparação morfológica entre os descritivos e as duas classes de palavras abertas da língua (nome e verbo) a fim de observar se os descritivos compartilhavam suas propriedades com alguma delas, de forma que pudessem ser incorporados a uma das duas, ou se possuíam características exclusivas que permitissem que os descritivos figurassem como uma terceira classe aberta de palavras da língua.

Uma vez feita a classificação dos descritivos enquanto verbos na língua, passamos a examinar suas características inerentes, começando pela análise de suas peculiaridades morfossintáticas e semânticas, passando em seguida para as morfológicas.

Observando a morfossintaxe dos descritivos, vimos que existem alguns que carregam pronomes de sujeito e outros que carregam pronomes de objeto, sendo chamados de descritivos subjetivos e objetivos, respectivamente. Observamos também a presença de um número restrito de verbos que podem carregar ora os pronomes de sujeito, ora os de objeto, aos quais denominamos descritivos ambivalentes.

Em relação à semântica das palavras descritivas, observamos que os descritivos subjetivos codificam estados mais passageiros, enquanto que os objetivos codificam estados mais duradouros.

Quanto à morfologia, constatamos que apenas a subclasse dos descritivos objetivos apresenta morfologia derivacional própria, enquanto que os descritivos subjetivos compartilham do mesmo processo que os demais verbos da língua.

Finalmente, tendo observado uma distinção semântica, morfossintática e morfológica entre as duas subclasses dos descritivos, fizemos uma reinterpretação dos

descritivos subjetivos, o que nos levou a uma re-classificação dos mesmos, o que foi o objetivo maior desta dissertação.

# CAPÍTULO I:

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1. Introdução

Este capítulo tem por objetivo introduzir os principais conceitos e concepções de autores que serão por nós utilizados neste trabalho. Inicialmente, fazemos referência ao que Dixon (1981) chama de ‘*semantic types*’ e à relação que ele apresenta entre esses ‘*semantic types*’ e as partes do discurso; apresentamos também alguns critérios utilizados por Bhat (1994) para identificar ou diferenciar os adjetivos das grandes classes abertas de palavras, tais como nomes e verbos, com o objetivo de identificar a que parte do discurso os descritivos Apurinã pertencem, isto é, se são uma subclasse dos nomes, dos verbos, ou se formam uma terceira classe autônoma dentro da língua.

Outro conceito que será utilizado por nós neste trabalho é o de Intransitividade Cindida, uma vez que observamos que as palavras descritivas, que são verbos (intransitivos) nesta língua, apresentam cisão no seu agrupamento pronominal, caracterizando um caso de S-Cindido, daí a importância de se compreender estes conceitos. Para isto nos utilizaremos das orientações de Dixon (1994) e Payne (1997).

O conceito de *aktionsart* se faz necessário também porque alguns verbos descritivos possuem suas noções semânticas motivadas por uma distinção aspectual que parece já estar lexicalizada (ver seção 3.3.2). Para compreender o conceito de *aktionsart* nos baseamos nas explicações de Vendler (1957), Comrie (1976), Bybee (1985), e Van Valin et Lapolla (1997).



É importante também falarmos um pouco sobre morfologia derivacional porque neste trabalho abordaremos o processo de formação dos verbos descritivos subjetivos e objetivos que se dão através de derivação sufixal e prefixal, respectivamente.

Finalmente, definimos o que estamos chamando de palavras descritivas na língua Apurinã.

## 1.2. Algumas Considerações sobre ‘Adjetivos’

### 1.2.1. Tipos Semânticos e Partes do Discurso

De acordo com Dixon (1981, p. 1), a identificação de classes de palavras depende de critérios morfológicos e sintáticos que variam de língua para língua. No entanto, muitas semelhanças podem ser encontradas entre as classes de palavras em diferentes línguas. O reconhecimento deste tipo de correspondência entre as línguas envolve critérios semânticos e critérios sintáticos universais.

Dixon introduz a noção de tipos semânticos (*semantic types*) sugerindo que “os itens lexicais de uma língua caem em um número de ‘tipos semânticos’ (cada item pertencendo a apenas um tipo)”<sup>2</sup> (1981, p. 9). Porém, Dixon não esclarece o que chama de ‘tipos semânticos’, apenas diz que essa noção é similar à noção de *cryptotypes* de Whorf (1956, p. 70, 92-3 *apud* DIXON: 1981, p. 9). A pesar disso, entendemos que o que ele chama de ‘tipos semânticos’ seja um grupo de palavras de uma determinada língua que possuem conteúdo semântico similar.

---

<sup>2</sup> Minha tradução para: “the lexical items of a language fall into a number of ‘semantic’ types (each item belonging to just one type)”.

O autor faz uma relação entre o que chama de tipos semânticos e as partes do discurso, dizendo que cada tipo semântico possui certas 'normas' sintáticas e propriedades morfológicas, específicas em cada língua (DIXON: 1981, p. 9). Ou seja, em uma dada língua um determinado tipo semântico corresponde a uma determinada categoria gramatical que pode (ou não) corresponder a essa mesma categoria em outra língua. Por exemplo, o termo Nome pode ser usado para rotular o mesmo 'tipo semântico' em línguas diferentes, mesmo que esses tipos semânticos apresentem características sintáticas e morfológicas distintas em cada uma delas.

O contrário também é verdadeiro, pois Dixon (1981, p. 12) afirma que o agrupamento de palavras com certas características semânticas em classes gramaticais feito em cada língua é bastante variado, de modo que nem sempre o grupo semântico pertencente a uma classe gramatical em uma dada língua corresponderá à mesma classe em outra. Por exemplo, o que é considerado adjetivo em uma dada língua pode não o ser em outra, pois embora essas palavras possam expressar o mesmo tipo semântico nas duas línguas, podem também possuir características sintáticas e morfológicas tão distintas que não permitam o agrupamento delas na mesma classe gramatical nessas línguas.

Segundo esse autor, todas as línguas possuem as duas classes abertas de palavras: nome e verbo. Mas nem todas possuem a classe aberta de adjetivos, isto é, ou essas línguas não possuem adjetivos ou possuem uma classe fechada de palavras que podem ser chamadas de adjetivos.

Nas línguas que possuem uma classe gramatical autônoma para os adjetivos, o conteúdo semântico dessa classe é constante de língua para língua, de forma que o que seja um adjetivo em uma, provavelmente o será também na outra. Por outro lado, algumas línguas que não possuem uma classe adjetiva autônoma expressam seus

conceitos de propriedades por meio de verbos; outras por meio de nomes; e ainda outras por meio de nomes e verbos, simultaneamente (DIXON: 1981, p. 3).

Dixon esclarece que os tipos semânticos são provavelmente universais lingüísticos e que geralmente incluem:

“MOVIMENTO (ir), AFETAÇÃO (golpear, cortar), DOAÇÃO (dar, doar, emprestar), CORPÓREO (rir, espirrar), OBJETOS (pedra, árvore), RELAÇÃO DE PARENTESCO (tio, filho), DIMENSÃO (grande, fundo), COR (preto, branco, vermelho), VALOR (bom, ruim) e assim por diante.”<sup>3</sup> (1981, p. 12).

Esse autor afirma que os quatro primeiros geralmente são agrupados em uma mesma classe que, na maioria das línguas, é a dos verbos. Palavras que codificam objetos e relações de parentesco são geralmente nomes; e dimensão, cor, valor e outros tipos semanticamente similares, adjetivos, isto é, nas línguas que possuem essa categoria gramatical. As línguas que não a possuem, geralmente distribuem esses tipos semânticos entre certas classes de palavras existentes na língua em questão, em particular nomes e verbos.

Apurinã parece ser uma dessas línguas que não possuem uma classe separada de adjetivos. Isto é, as palavras que expressam os tipos semânticos que em outras línguas são codificados como adjetivos, em Apurinã, aparentemente se comportam como verbos. A investigação deste fato é um dos objetivos de nosso trabalho, por isso, a seguir introduziremos alguns critérios de identificação dos tipos semânticos ‘adjetivos’ com verbos e nomes para mostrar quais são as características que normalmente

---

<sup>3</sup> Minha tradução para: “MOTION (go), AFFECT (hit, cut), GIVING (give, donate, lend), CORPOREAL (laugh, sneeze), OBJECTS (stone, tree), KIN (uncle, son), DIMENSION (large, deep), COLOUR (black, white, red), VALUE (good, bad) and so on”.

identificam e permitem o subagrupamento de ‘adjetivos’ com verbos ou com nomes, a fim de mostrar que no caso dos ‘adjetivos’ Apurinã, a identificação das características é maior com a classe dos verbos do que com a dos nomes. Para isso seguiremos as orientações de Bhat (1994).

### 1.2.2. Critérios de identificação de ‘adjetivos’ como parte do discurso

Para Bhat (1994, p. 3), o subagrupamento que certas línguas fazem dos ‘adjetivos’ (i) com nomes, (ii) com verbos e (iii) com ambos, simultaneamente, possui motivação funcional. O autor argumenta que

“no caso do primeiro tipo de língua mencionado acima, a distinção funcional entre referência e modificação estaria faltando, enquanto nas do segundo tipo, a distinção entre predicação e modificação seria substituída por uma entre dois tipos de predicação, a saber, simples e pressuposta; o terceiro tipo deriva de uma característica um pouco diferente, ou seja, a função de referência fica restrita a certos afixos pessoais ocorrendo no predicado.”<sup>4</sup>

As características que permitem o subagrupamento de ‘adjetivos’ com uma ou outra classe (ou com ambas) varia de língua para língua, porém há algumas delas que são mais freqüentemente encontradas, são essas características mais comuns que iremos apontar em 1.2.2.1 e 1.2.2.2.

---

<sup>4</sup> Minha tradução para: “In the case of the first language type mentioned above, the functional distinction between reference and modification would be lacking whereas in that of second type, the distinction between predication and modification would be replaced by one between two types of predication, namely simple and presupposed; the third type derives from a somewhat different characteristic, namely that the function of reference gets restricted to certain personal affixes occurring in the predicate.”

É claro que o que determina o agrupamento de itens lexicais numa mesma categoria gramatical não se resume ao número de semelhanças e diferenças existentes entre eles, mas sim à importância que a língua atribui a elas no seu funcionamento geral.

Segundo Bhat (1994, p. 166),

“se a distinção parece ter um papel principal no funcionamento da língua (que, é claro, geralmente, mas não necessariamente, seria refletido no número de características morfossintáticas identificadoras e não-identificadoras que ocorrem entre os dois grupos de itens lexicais), nós teríamos que considerá-las como constituindo duas grandes classe de palavras, enquanto que se a distinção parece fazer apenas um papel secundário, seria melhor considerá-las como constituindo subcategorias de uma grande classe”<sup>5</sup>.

#### 1.2.2.1. ‘Adjetivos’ e Nomes

A maior parte das línguas da Europa, do norte da África, do norte da Ásia, da Austrália, entre outras, tendem a tratar os ‘adjetivos’ da mesma forma que os nomes (DIXON, 1994 *apud* BHAT, 1994, p. 165). Essas línguas apresentam uma gradação de características comuns entre nomes e ‘adjetivos’, indo desde aquelas que apresentam um número considerável de diferenças, mas que não são suficientes para agrupar nomes e ‘adjetivos’ em categorias distintas até aquelas que praticamente não apresentam distinções entre eles (BHAT: 1994, p. 165). Para o autor, as características que as

---

<sup>5</sup> Minha tradução para: “if the distinction appears to play a major role in the functioning of that language (which, of course, would generally, but not necessarily, be reflected in the number of identifying and non-identifying morphosyntactic characteristics that occur between the two sets of lexical items), we would have to regard them as constituting two distinct major word classes, whereas if the distinction appears to play only a minor role, it would be better to regard them as constituting subcategories of a single major category”.

línguas tendem a apresentar em comum (seja em maior ou menor grau) entre nomes e ‘adjetivos’ são: a) mesmos grupos de afixos flexionais para gênero, número e caso; b) mesmos grupos de afixos derivacionais; e c) o fato de denotarem propriedade quando ocorrem em posição adnominal e possuidor da propriedade quando ocorrem como núcleo do sintagma nominal.

Bhat (1994, p. 167) aponta como principal diferença entre nomes e adjetivos – i.e. nas línguas que possuem uma classe autônoma para os adjetivos – o status de dependência dos ‘adjetivos’ no sintagma nominal, isto é, o fato de os nomes funcionarem como núcleo do SN, enquanto que os adjetivos funcionam como modificadores desses nomes e, por isso, são dependentes deles.

No entanto, nas línguas que não apresentam a distinção “nome-adjetivo”, os ‘adjetivos’ geralmente carregam marcas de concordância (gênero, número e caso) que os relacionam com determinado nome num mesmo SN. A língua portuguesa é um exemplo claro disto, pois nela o ‘adjetivo’ que pertence à classe dos nomes sempre concordará com o substantivo ao qual se refere. (e. g. gato preto; gat-**a-s** pret-**a-s**); ao contrário do que ocorre em Inglês, língua em que o adjetivo é uma classe gramatical autônoma e por isso não concorda com o nome (e. g. *black cat. black cat-s*).

Para Nichols (1986 *apud* BHAT, 1994, p. 167), essas marcas de “concordância” são na verdade marcas de dependência do ‘adjetivo’ em relação ao nome. Porém, na visão de Bhat (1994, p. 168), trata-se de fato de uma relação de independência, uma vez que tais ‘adjetivos’ têm a possibilidade de serem alocados em diferentes posições dentro da sentença (e.g. gato preto; preto gato), o que não é possível com os adjetivos “genuínos” que não possuem as marcas de concordância e que por isso, possuem posição fixa dentro da sentença (e.g. *black cat; \*cat black*).

O segundo critério utilizado por Bhat para diferenciar adjetivos de nomes é a identificação dos processos derivacionais usados para formar uma ou outra categoria. De acordo com Bhat (1994, p. 178), nas línguas em que os adjetivos e os nomes formam categorias distintas, provavelmente há morfemas distintos para derivar nomes e adjetivos de outras raízes. Por outro lado, nas línguas em que os nomes e os adjetivos formam uma única categoria, geralmente são encontrados os mesmos afixos derivacionais para se obter raízes nominais e adjetivas.

O terceiro critério que o autor utiliza para determinar o nível de identidade (ou não identidade) entre nomes e adjetivos diz respeito às definições tradicionais, nas quais nomes são palavras que denotam pessoas, lugares, e objetos, enquanto que os adjetivos denotam propriedades e podem ser modificados por advérbios, além de poderem ocorrer em construções comparativas e exclamativas. Nas línguas em que nomes e adjetivos formam categorias separadas, estas distinções são claras. No entanto, nas línguas em que nomes e ‘adjetivos’ não se diferenciam, essas definições parecem ser inaplicáveis, uma vez que ambos podem tanto denotar pessoas ou coisas (ex. nome: o homem; ‘adjetivo’: “o velho”), além de codificarem a função de sujeito (ex. nome: “o **homem** caiu do ônibus”; ‘adjetivo’: “o **velho** caiu do ônibus”) e objeto (ex. nome: “o cachorro mordeu o **homem**”; ‘adjetivo’: “o cachorro mordeu o **velho**”), quanto denotar propriedades, quando usados na função de modificadores (ex. nome: “o trem-**bala** descarrilou”; ‘adjetivo’: “o homem **velho** caiu do ônibus”), tudo isso de forma não marcada.

### 1.2.2.2. ‘Adjetivos’ e Verbos

O número de línguas nas quais os ‘adjetivos’ são identificados como subgrupo dos verbos são tão numerosas quanto as que os identificam como subgrupo dos nomes. Segundo Dixon (1994 *apud* BHAT, 1994, p. 187), a maioria dessas línguas se encontra na América do Norte, no Pacífico, no leste e sudeste da Ásia.

Para Bhat (1994, p.187), as principais características que servem como suporte para a alegação de que os ‘adjetivos’ formam uma mesma categoria juntamente aos verbos em determinadas línguas são: a) a ocorrência dos mesmos afixos flexionais em uso predicativo; e b) a ocorrência do mesmo tipo de processos derivacionais.

Uma das mais importantes características levadas em consideração para se afirmar que ‘adjetivos’ e verbos pertencem a uma mesma categoria gramatical em algumas línguas é a habilidade desses ‘adjetivos’ de carregarem os afixos flexionais dos verbos quando usados em posição predicativa na sentença (BHAT: 1994, p. 189). Como nos seguintes exemplos da língua Manipuri (dados de BHAT 1994):

a. mehak      si-geni  
ele            morrer-fut.  
‘Ele morrerá.’

b. mehak      saw-geni  
ele            fome-fut.  
‘Ele estará com fome.’



Outro critério que serve para se identificar ou diferenciar ‘adjetivos’ e verbos é o seu comportamento em posição adnominal. De acordo com Croft (1984, 1991, p. 54 *apud* BHAT: 1994, p. 191), quando adjetivos ocorrem nesta posição eles são não-marcados, ou seja, apresentam-se em sua forma básica (ex. “homem bonito”); enquanto que os verbos precisam de algum tipo de marcação (ex. “homem cans-**ado**”), geralmente morfemas derivacionais. Nas línguas em que ‘adjetivos’ e verbos formam uma única categoria, geralmente, ambos são encontrados em suas formas derivadas.

Exemplos da língua Manipuri (dados de BHAT 1994):

1. ‘adjetivos

- |        |            |                |        |                  |
|--------|------------|----------------|--------|------------------|
| a. cew | ‘grande’   | <b>ecaw</b> be | layrik | ‘livro grande’   |
| b. nan | ‘vermelho’ | <b>enan</b> be | cey    | ‘papel vermelho’ |

2. verbos

- |        |          |               |      |                 |
|--------|----------|---------------|------|-----------------|
| a. ca  | ‘comer’  | <b>ecab</b> e | mi   | ‘homem comedor’ |
| b. kep | ‘chorar’ | <b>akep</b> e | enan | ‘menino chorão’ |

Segundo o autor, isso se justifica pelo fato de que nessas línguas, o uso adnominal dos ‘adjetivos’, bem como dos verbos envolve predicação pressuposta, em vez de modificação.

O último critério utilizado pelo autor para se identificar ou não ‘adjetivos’ e verbos diz respeito as suas respectivas funções: que no caso dos primeiros é modificar o nome como qual ocorre no SN e no caso dos últimos é predicar sobre o nome. Sendo assim, quando em uma dada língua, essas duas categorias de palavras não fazem diferença entre modificar e predicar é porque, de fato, elas são uma só categoria.

Nas línguas em que os adjetivos constituem uma classe a parte pode haver dois tipos de constituintes adnominais, que o autor chama de **modificadores** e **predicados pressupostos**. A distinção entre eles é que os primeiros apresentam características de adjetivos e denotam propriedades permanentes; enquanto que os últimos apresentam características de predicado e denotam propriedades transitórias, além de poderem mostrar também as distinções de tempo/aspecto/modo, além de pedirem a presença de complementos e modificadores adverbiais. Os adjetivos, em seu uso adnominal, pertencem geralmente ao primeiro tipo, enquanto que os verbos, em sua função adnominal (particípio), pertencem ao último.

Porém, as línguas em que ‘adjetivos’ e verbos formam uma mesma categoria não apresentam tal distinção entre modificadores e predicados pressupostos, uma vez que tanto os ‘adjetivos’, bem como os verbos, apresentam apenas as características de predicados pressupostos, quando em posição adnominal (BHAT: 1994, p. 194).

Exemplos da língua Manipuri (dados de BHAT 1994):

1a. cey            e-san-**be**            ay-gy-ni

Vara            pre.-longo-**inf** meu-gen-ser

‘A vara longa é minha.’

b. cey            san-de-**be**            ma-gi-ni

vara            longo-neg-**inf** dele-gen-ser

‘A vara que não é longa é dele.’

2a. mi            e-ca-**be**            na-y

homem        pre.-comer-**inf.**        doente-**ñ.fut**

‘O homem comedor está doente.’

b. mi            ca-re-**be**            na-y  
homem    comer-perf-**inf**        doente-**ñ.fut**  
‘O home que comia está doente’

### 1.3. Relações Gramaticais: Sistemas Cindidos

#### 1.3.1. Visão Geral:

Todas as línguas do mundo distinguem orações que envolvem um verbo e um sintagma nominal, das que envolvem um verbo e, pelo menos, dois sintagmas nominais, ou seja, orações intransitivas e transitivas, respectivamente (DIXON, 1994, p. 6). Ao único SN do verbo intransitivo, chamaremos “S”; ao SN do verbo transitivo que mais se aproxima da noção de agente, chamaremos “A”; e ao SN do verbo transitivo que mais se aproxima da noção de paciente, “P”, de acordo com a classificação de Comrie (1989, p. 110-1).

Há línguas que agrupam os elementos S e A – Nominativo – e tratam P – Acusativo – de maneira distinta. Uma língua que segue este padrão é denominada Nominativo-Acusativa. Outro tipo de língua trata da mesma forma os elementos S e P – Absolutivo – tratando A – Ergativo – de forma distinta. Às línguas que seguem este padrão dá-se o nome de Ergativo-Absolutivas (DIXON: 1994, p. 1).

Podemos exemplificar o agrupamento dessas relações sintáticas da seguinte forma:



### 1.3.2. Intransitividade Cindida

Algumas línguas expressam o argumento intransitivo S de duas ou mais formas distintas, isto é, algumas vezes como A e outras como P. A este fenômeno chama-se Intransitividade Cindida (PAYNE: 1997, p. 144). As línguas que distinguem Sa – S marcado como A – e Sp – S marcado como P – são de dois tipos: S-Cindido e S-Fluido.

#### 1.3.2.1. S-Cindido

Neste tipo de sistema cada verbo apresenta um grupo de regras sintáticas, com marcação de caso ou “*cross-referencing*”, que são realizadas sempre da mesma forma. Isto é, nesse sistema os verbos intransitivos são divididos em dois grupos, um ocorrendo exclusivamente com Sa e outro exclusivamente com Sp, independente da semântica do verbo num contexto particular de uso (DIXON: 1994, p. 71).

O fato de um sistema gramatical ser cindido não o torna incoerente, instável, ou sem base semântica, o que há são dois modelos básicos de identificação de relações gramaticais, acusativo e ergativo, e outras possíveis combinações deles. Nas palavras de Dixon:

“os vários modos de combinar as características ergativas e acusativas comportam sistemas que são gramaticalmente coerentes e semanticamente sofisticados” (DIXON: 1994, p. 78)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Minha tradução para: “The various ways of combining ergative and accusative features can all yield systems that are grammatically coherent and semantically sophisticated”.

### 1.3.2.2. S-Fluido

Algumas línguas podem tratar o sujeito intransitivo de determinados verbos tanto como A, quanto como P, dependendo da semântica que ele expresse. Ou seja, um mesmo tema verbal pode ora ter um complemento Sa, ora ter um complemento Sp (PAYNE: 1997, p. 147).

Dixon (1994, p. 71) afirma que o sistema S-Fluido emprega regras sintáticas para os verbos transitivos e regras semânticas para os intransitivos, isto é, no caso dos verbos transitivos que apresentam dois argumentos há, claramente, uma distinção entre quem controla e quem é controlado pela ação, ou seja, entre um (A)gente e um (P)aciente, respectivamente. No caso dos verbos intransitivos, que só apresentam um argumento, é a semântica do verbo, numa dada situação, que determina se a ação do verbo é controlada ou não pelo agente. No primeiro caso, quando o sujeito é agente, ele recebe a marcação Sa, e no segundo quando ele é paciente, recebe a marcação Sp.

A grande diferença entre os sistemas S-Cindido e S-Fluido é que no primeiro

“as marcas tipo-A e tipo-O são alocadas para S sintaticamente; a divisão Sa/So tem base semântica, é claro (...) mas não há escolha envolvida para um verbo em particular. Em uma língua do tipo S-Fluido as marcas tipo-A e tipo-O são alocados para as cláusulas intransitivas semanticamente, com cada verbo intransitivo tendo a possibilidade de duas escolhas, dependendo da semântica de cada contexto particular de uso” (DIXON: 1994, p. 78-9)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Minha tradução para: “the A-type and O-type markings are allocated to S syntactically; the Sa/So division has a semantic basis, of course (...) but there is no choice involved for an individual verb. In a

Para que uma língua pertença plenamente ao modelo S-Fluido é preciso que todos os seus verbos intransitivos sejam capazes de ocorrer com Sa e Sp, caso contrário, dir-se-á que a língua possui os dois sistemas, S-Fluido e S-Cindido.

#### 1.4. *Aktionsart*

A *aktionsart* (do alemão: “tipo de ação”; pl.: *aktiosarten*) ou aspecto lexical de um verbo é a forma na qual este está estruturado em relação ao tempo. O aspecto lexical deriva da modificação do próprio evento. (BYBEE: 1985, p. 21, *apud* FRAWLEY: 1991, p. 294-5).

Comrie (1976, p. 6-7) apresenta uma distinção entre os termos “aspecto” e “*aktionsart*”, uma vez que mostra

“aspecto como gramaticalização das distinções semânticas relevantes, enquanto que o *aktionsart* representa a lexicalização das distinções, independente de como essas distinções foram lexicalizadas”<sup>8</sup>

A noção de *aktionsart* foi introduzida inicialmente por Vendler (1957). Segundo este autor, “verbos e outros elementos predicadores poderiam ser classificados em

---

Fluid-S language the A-type and O-type markings are allocated to intransitive clauses semantically, with each intransitive verb having the possibility of either choice, depending on the semantics of each particular context of use”.

<sup>8</sup> Minha tradução para: “aspect as grammaticalization of the relevant semantic distinction, while *aktionsart* represents lexicalization of distinctions, irrespective of how these distinctions are lexicalized”.

termos de suas propriedades temporais inerentes<sup>9</sup>” (VENDLER: 1957 *apud* VAN VALIN et LAPOLLA: 1997, p. 92). Segundo ele, existem quatro classes de *aktionsart*, a saber: estados, eventos (*achievements*), processos (*accomplishments*) e atividades.

Estados são não-dinâmicos e temporalmente ilimitados (e.g. estar doente, ser alto, amar, saber, conhecer); atividades são dinâmicas temporalmente ilimitadas (e.g. nadar, chover, andar, ler, comer); eventos (*achievements*) codificam mudanças instantâneas de estados e atividades, e apresentam um ponto terminal inerente (e.g. explodir, quebrar, desmoronar, estourar); e processos (*accomplishment*) são mudanças de estado, temporalmente estendidas, ou seja, não instantâneas que conduzem a um ponto terminal (e.g. derreter, aprender, gelar, secar) (VAN VALIN et LAPOLLA, 1997, p. 92).

### 1.5. Morfologia Derivacional

De acordo com Lyons (1977, p. 522 *apud* BAUER: 1983, p. 27), “derivação é o processo morfológico que resulta na formação de novos lexemas”<sup>10</sup>. Segundo o autor, ao contrário da flexão, este processo é caracterizado pela ausência de comutabilidade na estrutura da palavra, e pela alta comutabilidade na estrutura da sentença.

De acordo com Matthews (1974, p. 49-50 *apud* BAUER), uma das maneiras de se saber se se está diante de um processo de derivação em vez de um de flexão é verificar se a forma que carrega os afixos pode ser substituída em algumas das suas ocorrências na sentença por uma raiz simples. Se puder, então, estamos diante de um

---

<sup>9</sup> Minha tradução para: “verbs and other predicating elements could be classified in terms of their inherent temporal properties”.

<sup>10</sup> Minha tradução para: “derivation is the morphological process that results in the formation of new lexemes”.



caso de derivação, caso contrário, estaremos diante de um caso de flexão. Por exemplo, *enchente x chuva*, abaixo:

“A **enchente** causou o alagamento das ruas”

“A **chuva** causou o alagamento das ruas”

O outro critério estabelecido por Bauer (1989, p. 27) é que os produtos da morfologia flexional são semanticamente regulares, enquanto que os da morfologia derivacional tendem a não sê-lo. Por exemplo, os pares flexionais “menino *vs* menina”, “gato *vs* gata”, “bonito *vs* bonita” onde há consistência semântica, ao contrário do que ocorre com os pares derivacionais “alagamento” - ato ou efeito de alagar *vs* “estacionamento” - lugar delimitado onde se estacionam veículos.

No entanto, nem todos os processos derivacionais apresentam tais lacunas, há alguns deles que parecem ser plenamente produtivos em algumas línguas, como é o caso da derivação de verbos transitivos do Inglês, que quando recebem o sufixo *-able*, tornam-se adjetivos semanticamente regulares. Por exemplo: *to predict vs predictable*, *to desire vs desirable*, *to understand vs understandable*, etc.

Outra questão relevante em relação à derivação diz respeito à mudança ou não da classe gramatical da palavra após o processo derivacional. Bauer (1983, p. 31) chama **permanência de classe** (*class-maintaining*) o processo de derivação que produz lexemas que pertencem à mesma classe gramatical que sua base, por exemplo, “mês (subst.) – mesada (subst.)”, “fazer (verbo) - desfazer (verbo)”, “diferente (adj.) - indiferente (adj.)”.

Em oposição ao *class-maintaining*, a autora chama **mudança de classe** (*class-changing*) o processo de derivação que produz lexemas que pertencem à outra classe

gramatical que não a de sua base (BAUER: 1983, p. 31), como nos pares “feliz (adj.) – felizmente (adv.)”, “martelar (verbo) – martelo (subst.)”, “animal (subst.) – animalesco (adj.)”. O que ocorre tipicamente nas línguas Indo-Européias é que quando se tem um processo de prefixação, tem-se tipicamente *class-maintaining*, e quando se tem um processo de sufixação usualmente tem-se um caso de *class-changing*.

## CAPÍTULO II

### O QUE SÃO OS DESCRITIVOS APURINÃ?

#### 2.1. Introdução

Identificar as classes gramaticais existentes em uma dada língua é uma tarefa básica para qualquer análise lingüística. De acordo com Dixon (1981, p. 1), essa identificação deve ser feita com base em critérios sintáticos e morfológicos. Neste capítulo, pretendemos examinar as características das palavras descritivas existentes na língua Apurinã, para que possamos, então, estabelecer-lhes uma classificação.

Neste trabalho, estamos chamando, inicialmente, de descritivas as palavras Apurinã que expressam noções de propriedades, isto é, que qualificam os seres no mundo, a exemplo do que fazem os adjetivos nas línguas Indo-Européias. No entanto, esta classe semântica, é constituída de classes gramaticais distintas que são os descritivos subjetivos e os objetivos.

Segundo Facundes (2000, p. 134), existem, na língua Apurinã, duas classes abertas de palavras: a dos nomes e a dos verbos. Aqui, iremos fazer uma comparação entre os descritivos e cada uma dessas duas classes para verificar se eles compartilham suas características gramaticais com a classe dos nomes ou com a dos verbos, para, assim, serem classificados como uma subclasse de uma ou outra categoria; ou se possuem características exclusivas, de tal forma que possam ser classificadas como uma possível terceira classe aberta de palavras nesta língua.

## 2.2.Descritivos e Nomes: Semelhanças Morfológicas

Nesta seção, mostraremos os morfemas possíveis de ocorrer tanto com os nomes, quanto com os descritivos, nomeadamente a marca de aumentativo e os pronomes subjetivos presos.

### 2.2.1. Morfemas Aumentativos

Segundo Facundes (2000, p. 253) “um nome tem pelo menos duas formas de ser marcado como aumentativo, isto é, pela sufixação de **-puwa** ou de **-ty**”. A distinção entre eles é que **-ty** é um nome classificatório (ver FACUNDES: 2000 – Cap. IV), enquanto que **-puwa** comporta-se como um “morfema flutuante” (Ver FACUNDES: 2000 – Cap. VII e FACUNDES: 2002)

- Ex:1a) kema                      ‘anta’  
      b) kema-**puwa**            ‘anta grande’  
      c) kema-ty                ‘anta grande’

- Ex: 2a)kyky                    ‘homem’  
      b) kyky-**ty**                ‘homem grande’  
      c) kyky-puwa            ‘homem grande’

Com os descritivos, no entanto, observamos apenas a ocorrência de **-puwa**.

Ex: 3a) ny-kiumanitxi

1sg-estarr.velho

‘Eu estou velho.’

b) ny-kiumanitxi-**puwa**

1sg-estar.velho-aum

‘Eu estou velhão (velho e grande).’

4a) ny-sãpaka

1sg-cansado

‘Eu estou cansado’.

b) ny-sãpaka-**puwa**

1sg-cansado-aum

‘Eu estou cansadão (muito cansado).’

O morfema **-ty** ocorre exclusivamente com a classe dos nomes, enquanto que o morfema **-puwa** pode ocorrer igualmente com nomes e verbos (ver seção 2.3.7), bem como com os descritivos.

### 2.2.2. Morfemas Diminutivos

De acordo com Facundes (2000, p. 253) a função diminutiva tem pelo menos quatro maneiras de ser marcada. São elas o uso dos sufixos: **-peky**, **-tyky**, **-ku**, **-ta**.

Ex: 5a) kyky	‘homem’
kyky- <b>peky</b>	‘homenzinho’
b) kema	‘anta’
kema- <b>tyky</b>	‘anta pequena’
c) amaryny	‘garoto’
amaryny- <b>ku</b>	‘garotinho’
d) kupitxi	‘panela’
kupitxi- <b>ta</b>	‘panelinha’

No entanto, a forma para diminutivo encontrada ocorrendo com os descritivos foi **-peka**, que parece ser uma variação da forma **-peky**, que por sua vez, foi a única mencionada por Pickering (1971, p.30 *apud* Facundes, 2000, p. 253), quando fez a análise desta mesma língua, talvez por ser a mais freqüentemente utilizada pelos falantes nativos.

Ex: 6 a) ny-kiumanitxi	‘eu sou velho’
1sg-ser velho	
ny-kiumanitxi- <b>peka</b>	‘eu sou velhinho’
1sg-ser velho-dim	
b) ere-ry	‘ele é bonito’
ser bonito-3sg.m	

ere-**peka**-ry

‘ele é bonitinho’

ser bonito-dim-3sg.m

### 2.2.3. Formas Pronominais Subjetivas

A língua Apurinã possui um grupo de pronomes pessoais presos<sup>11</sup> que podem funcionar tanto como sujeito, se agregados a verbos, quanto como possuidores, se agregados a nomes (FACUNDES: 2000, p. 141). Vemos abaixo a tabela com os pronomes presos, e em seguida, alguns exemplos desses prefixos ocorrendo com nomes, exercendo a função de possuidores.

Tabela 01

Pronomes Presos Subjetivos

Pessoa/ Gênero	Número	
	Singular	Plural
1	ny- <sup>12</sup>	a-
2	py- <sup>13</sup>	hĩ-
3m	y-	y-...(-na)
3f	u-	y-...(-na)

Ex: 7) **ny**-kanawa

<sup>11</sup> Seguimos aqui a análise feita por Facundes (2002), na qual apresenta as características das marcas pronominais que as identificam como clíticos.

<sup>12</sup> Este morfema pode apresentar as seguintes variações: **nh-** se se realiza antes de palavra que inicie por esta mesma sílaba; **nh-** antes da vogal “ĩ”; e **n-** diante das demais vogais Apurinã.

<sup>13</sup> Este morfema realiza-se como **p-** antes de vogais.

1sg- canoa

‘minha canoa’

8) **p**-aiku

2sg-casa

‘tua casa’

Observamos também a presença desses pronomes presos em construções com descritivos.

Ex: 9) **ny**-sâpaka

1sg-estar.cansado

‘Eu estou cansado.’

10) **p**-inhĩkaka

2sg-estar.com.calor

‘Tu estás com calor.’

## 2.3. Descritivos e Verbos: Semelhanças Morfológicas

### 2.3.1. Verbalizador **-ta**

Segundo Facundes (2000, p. 324), o morfema **-ta** possui duas funções gramaticais: a primeira é derivar verbos de raízes nominais e de raízes dependentes – ou



seja, aquelas que não podem se realizar sozinhas, isto é, precisam de pelo menos um morfema agregado a elas para que possam se realizar na língua.

Ex: 11) Raiz Nominal

karywa	‘homem branco/não-índio’
karywa-ta	‘agir como um homem branco/não-índio’

Ex: 12) Raiz Dependente

*nhipuku	
nhipuku-ta	‘comer’

A segunda função de **-ta** é agregar-se a raízes inerentemente verbais para que elas possam receber um grupo específico de sufixos (Facundes: 2000, p. 324), como ilustrado nos exemplos abaixo:

Ex: 13) Raiz Verbal

a) y-myteka

3sg.m-correr

‘Ele corre.’

b) y-myteka-**ta-ã**

3sg.m-correr-vblz-hipot

‘Se ele corresse...’

c) kyky            atama-nu

homem            olhar-1sg.f



### 2.3.2. Formas Pronominais Subjetivas

Outro grupo de morfemas comuns entre verbos e descritivos é o dos prefixos pessoais<sup>14</sup>, aqui na função de pronomes dependentes subjetivos, isto é, aqueles que funcionam como sujeito das orações nas quais ocorrem.

Ex: 16) Verbo

a) **ny**-serena

1sg-dançar

‘Eu danço.’

b) **y**-apupe

3sg.m-chegar

‘Ele chegou.’

Ex: 17) Descritivo

a) **nhĩ**-nhĩkaka

1sg-estar.com.calor

‘Eu estou com calor.’

b) **y**-sãpaka

3sg.m-estar.cansado

---

<sup>14</sup> Ver tabela 01.

‘Ele está cansado.’

Apesar da presença dos pronomes presos ocorrendo tanto com nomes quanto com verbos, podemos observar que a função deles diverge quando ocorrem com cada uma dessas classes de palavras. A função que esses pronomes pessoais possuem quando agregados aos descritivos é a mesma que possuem quando agregados aos verbos, ou seja, de sujeito e não de possuidor, como quando se relacionam com os nomes.

### 2.3.3. Formas Pronominais Objetivas

Assim como as formas pronominais subjetivas, as objetivas também podem ser agregadas tanto aos verbos, quanto às palavras descritivas. Abaixo, vemos a tabela com os pronomes presos que marcam o objeto e, na seqüência, exemplo do uso desses afixos.

Tabela 02

#### Pronomes Presos Objetivos

Pessoa/ Gênero	Número	
	Singular	Plural
1	-nu	-wa
2	-i	-i
3m	-ry	-ry
3f	-ru	-ru

Ex: 18) Verbo Transitivo

a) a-makatxaka-**ry**

1pl-levar.para.fora-3sg.m

‘Nós **o** levamos para fora.’

b) kyky                      atama-ta-**nu**

homem                      olhar-vblz-1sg.f

‘O homem olhou para **mim**.’

No exemplo (18a), temos a ocorrência do pronome dependente objetivo **-ry** ‘3sg.m’, que funciona como argumento do verbo transitivo *makatxaka* ‘levar para fora’. Em (18b), vemos o pronome preso **-nu** ‘1sg’ funcionando como objeto do verbo *atamata* ‘olhar’. Nos exemplos abaixo, observamos a ocorrência desses pronomes também com descritivos.

Ex: 19) Descritivo

a) pu<sup>15</sup>-xuku-**ry**

vblz-alegre-3sg.f

‘Ele é/está alegre.’

b) ere-**nu**

ser.bonito-1sg

‘Eu sou bonito/a.’

#### 2.3.4. Correferencialidade Pronominal

---

<sup>15</sup> Para maiores informações sobre este morfema ver Capítulo IV desta dissertação.

A correferencialidade existe quando o(s) argumento(s) do verbo é/são expresso(s) de forma livre e concomitante a essa(s) forma(s) livre(s), existe um pronome preso ao verbo que expressa a mesma pessoa discursiva. Como vemos nos exemplos abaixo:

Ex: 20a) **u-tamata-ry**                      **ywa**                      **sytu**  
3sg.f-olhar-3sg.m                      ele                      mulher  
‘A mulher olhou para ele.’

b- **ny-serena**                      **nuta**  
1sg-dançar                      1sg  
‘Eu danço.’

Podemos observar que em 20a, o pronome subjetivo **u-** ‘3sg.f’ está em relação de correferencialidade com o argumento livre **sytu** ‘mulher’ que é o sujeito da oração transitiva; enquanto que o pronome objetivo **-ry** ‘3sg.m’ está em relação de correferencialidade com o argumento livre **ywa** ‘ele’, que funciona como o objeto da mesma oração. Em 20b, o pronome preso **ny-** ‘1sg’ está na mesma relação de correferencialidade com o argumento livre do verbo intransitivo **nuta** ‘1sg’.

É importante dizer que a correferencialidade só existe se o argumento livre ocorrer em posição pós-verbal:

Ex: 21) **y-myteka**                      **kyky**  
3sg.m-correr                      homem

'O homem correu.'

Se o argumento livre ocorrer antes do verbo, este não pode carregar o pronome preso:

Ex: 22) **kyky**            myteka

homem            correr

'O homem correu.'

De tal forma que a seguinte estrutura não se realiza na língua:

Ex: 23) argumento livre            (argumento. livre)            pron. preso +verbo+(pron. preso)

\*ywa

sytu

u-tamata-ry

ele

mulher

3sg.f-olhar-3sg.m

(A mulher olhou para ele.)

Sendo possíveis apenas as estruturas:

pron. preso + verbo(+ pron. preso)

(argumento livre)

(argumento livre)

argumento livre

(argumento. livre)

verbo

A mesma regularidade pode ser observada, ocorrendo com os descritivos da língua.

Ex: 24a) **ny-sãpaka**

**nuta**





b) u-nhika-**nany**-ta-ry                      ximaky

3sg.f-comer-prog-vblz-3sg.m              peixe

‘Ela está comendo peixe.’

Esse morfema também ocorre agregado a raízes descritivas, embora ele não seja o mais frequentemente usado para construir orações que se refiram a eventos em processo.

Ex: 26a) ny-keraka-**nany**-ta

1sg-estar.magro-prog-vblz

‘Eu estou emagrecendo.’

b- kamane-**nany**-nu

ser/estar.gordo-prog-1sg

‘Eu estou engordando.’

### 2.3.6. Morfema Fortuito/Casual

O morfema casual -**ãpu**, segundo Facundes (2000, p. 315), “é usado para marcar eventos que acontecem fortuitamente ou sem propósito”.

Ex: 27a) nhi-nhika-**ãpu**-ta-ry

1sg-comer-fort.-vblz-3sg.m

‘Eu o comi por comer.’

b) hãkite      akatsa-**ãpu**-ta-ry  
onça          morder-fort-vblz-3sg.m  
'A onça saiu mordendo tudo.'

No entanto, apesar desse morfema também ocorrer com as palavras descritivas, observamos que, nesses casos, ele parece ter outra função, que é a de marcar a progressão do evento.

Ex: 28a) ny-sãpaka-**ãpu**-ta

1sg-estar.cansado-fort-vblz

'Eu estou me cansando.'

b- kamane-**ãpu**-ta-nu

estar.gordo-fort-vblz-1sg

'Eu estou engordando.'

O fato desse morfema ser traduzido pelos falantes como progressivo nos leva a pensar em três hipóteses: a) que ele realmente é o morfema de progressão que ocorre com os descritivos, já que ele é usado mais freqüente e espontaneamente em tais construções; b) que os falantes nativos têm dificuldade em encontrar uma tradução literal para o Português e por isso traduzem de forma a nos levar a pensar que ele expresse progressão; ou c) que ele esteja sendo re-interpretado/analísado pelos próprios falantes e esteja mudando de função na língua.

Dentre as três hipóteses apresentadas, a que achamos mais provável é a apresentada em a), uma vez que é esse o morfema usado espontaneamente pelos falantes nativos de Apurinã quando instigados a construir frases com descritivos ocorrendo no progressivo. Por outro lado, com base nos exemplos de que dispomos torna-se difícil compreender o que significaria “estar cansado ou gordo aleatoriamente”.

### 2.3.7. Morfema Aumentativo

Como foi atestado por Facundes (2000, p. 312) “o marcador aumentativo **-puwa** é usado com verbos intransitivos para aumentar o tamanho do participante expresso como sujeito nocional, e com verbos transitivos para aumentar a quantidade do que é expresso como objeto nocional do verbo”<sup>16</sup>

Ex: 29) Verbo Intransitivo

y-nhipuku-**puwa**-ta

3sg.m-comer-aum-vblz

‘O grande/gordo comeu.’

Ex: 30) Verbo Transitivo

nhi-nhika-**puwa**-ta-ry

1sg-comer-aum-vblz-3sg.m

‘Eu comi muito disso’

---

<sup>16</sup> Minha tradução para: “The augmentative marker **-puwa** is used with intransitive verbs to augment the size of the participant expressed as the notional subject, and with transitive verbs to augment the quantity of what is expressed as the notional object of the verb”

Mostramos na seção 2.2.1 que também é possível o uso do morfema **-puwa** ocorrendo com os descritivos, como vemos novamente nos exemplos abaixo:

Ex: 31.a) pa-tima-**puwa**-ry          manity  
vblz-ligeiro-aum-3sg.m    veado  
‘O veado é rapidão (muito rápido).’

b) ere-**puwa**-ry  
ser.bonito-aum-3sg.m  
‘Ele é bonitão (bonito e grande).’

Podemos observar que no caso da ocorrência com os descritivos, o morfema **-puwa** parece ter também duas funções, que são: (i) aumentar o tamanho do participante, tal qual como ocorre com os verbos intransitivos (ver Ex: 31b) e (ii) aumentar/intensificar a propriedade referente ao participante (ver Ex: 31a). No entanto, até o presente momento os dados não são suficientemente esclarecedores para que possamos verificar uma regularidade nessas duas funções, uma vez que atestamos ambas as funções ocorrendo, tanto com descritivos que carregam as marcas de sujeito, quanto com os que carregam as marcas de objeto.

#### 2.4. Classificação dos Descritivos

Mostramos acima os principais morfemas comuns entre os descritivos e os nomes e entre os descritivos e os verbos na língua Apurinã. A tabela abaixo ilustra a semelhança entre eles:

Tabela 03  
Propriedades de Nomes, Verbos e Descritivos

Morfema/Função	Nome	Verbo	Descritivo
Aumentativo: -puwa	X	X	X
Diminutivo: -peky	X		X
Pron. Subjetivos (possuidor)	X		
Pron. Subjetivos (sujeito)		X	X
Pron. Objetivos		X	X
Verbalizador: -ta	X	X	X
Correferencialidade		X	X
Progressivo: -nany		X	X
Fortuito: -ãpu		X	X

Se analisássemos os descritivos como nomes seria necessário introduzir duas novas categorizações nominais: uma de aspecto ('progressivo' vs. 'não-progressivo') e uma de caráter modal (em que se encaixa a categoria 'fortuito'), e estas categorizações só se aplicariam à subclasse dos descritivos, e não para nenhum outro nome. Isto parece

pouco plausível. Se, por outro lado, incluirmos os descritivos entre os verbos, não seria necessário criar novas categorizações gramaticais, uma vez que o “aumentativo” pode ser analisado como processo derivacional e não flexional. A única nova regra que seria introduzida na gramática é que esses processos derivacionais se aplicam não só a nomes, mas também a verbos (incluindo os descritivos), o que não parece implausível.

Dessa forma, passamos a considerar os descritivos como uma subclasse dos verbos desta língua. Mais precisamente como verbos intransitivos, uma vez que só exigem a presença de um argumento completando seu significado. Portanto, a partir de então, passaremos a chamar essas palavras de verbos intransitivos descritivos.

Assim, a língua Apurinã passa a ter duas subclasses de verbos intransitivos: os intransitivos padrão e os intransitivos descritivos. No entanto, há algumas distinções entre essas subclasses de intransitivos que devem ser consideradas.

Uma das distinções existentes entre eles é a semântica, uma vez que os verbos “não-descritivos” se referem a eventos na língua; enquanto que os descritivos referem-se a propriedades, a exemplo do que fazem os adjetivos nas línguas Indo-Européias. No entanto, segundo Dixon (1981, p. 8), não é a semântica que determina a classe gramatical de uma palavra, mas sim suas características sintáticas e/ou morfológicas. E, como os dados nos mostram, as palavras descritivas Apurinã compartilham grande parte de suas propriedades morfossintáticas com os verbos dessa língua, por isso, com base nessa análise, corroboramos a idéia de que os descritivos em Apurinã pertencem à categoria verbal.

Outra diferença entre essas duas categorias verbais é que os verbos intransitivos padrão só podem carregar os pronomes de sujeito; enquanto que os verbos intransitivos descritivos podem carregar tanto os pronomes de sujeito, quanto os pronomes de objeto, inclusiva ou exclusivamente dependendo do verbo em questão (ver. Cap. III).

## **CAPÍTULO III**

# AS SUBCLASSES DOS DESCRITIVOS: PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

## 3.1. Introdução

Como já foi dito no início do trabalho, as palavras descritivas Apurinã são uma classe semântica que pode resultar em classes gramaticais distintas: descritivos subjetivos, objetivos e ambivalentes. O rótulo que cada subclasse descritiva recebe tem a ver com o agrupamento pronominal recorrente em cada uma delas, isto é, os descritivos subjetivos são os verbos que carregam os pronomes de sujeito – ou seja, marcam (S) como (A); os descritivos objetivos são os verbos que carregam os pronomes de objeto – isto é, marcam (S) como (P); e os descritivos ambivalentes são aqueles que podem carregar ora uma, ora outra série de pronomes, o que quer dizer que podem marcar (S) tanto como (A), quanto como (P).

Neste capítulo, pretendemos mostrar que esse agrupamento pronominal diferenciado em cada uma das subclasses é motivado pela distinção semântica existente entre elas. Essa distinção semântica é representada pela mudança aspectual entre tais verbos. Em relação à mudança aspectual, temos os verbos que apresentam casos de *aktionsart* definido, ou seja, possuem a semântica aspectual já lexicalizada, apresentando formas distintas para expressar os mesmos conceitos/propriedades, dependendo do fato de essas propriedades serem duradouras/inerentes ou passageiras/adquiridas. Esses verbos, na maioria dos casos, serão descritivos objetivos e subjetivos, respectivamente.

Em oposição aos verbos que apresentam a semântica aspectual lexicalizada, existem os descritivos cuja semântica aspectual não é especificada pela raiz do verbo,



ou seja, apresentam as mesmas raízes para expressarem tanto a noção de que a propriedade codificada pelo verbo pode ser inata, quanto adquirida, havendo neste caso alteração do grupo de morfemas responsáveis pelo seu processo derivacional e também da série pronominal selecionada pelo verbo para completar seu significado. Esses são os casos de descritivos ambivalentes.

### 3.2. Distinções entre os Verbos Intransitivos Padrão (VIP) e os Verbos Intransitivos Descritivos (VID)

A língua Apurinã possui duas classes de verbos intransitivos: os (vip) e os (vid). Existem distinções tanto de caráter semântico, quanto morfossintático entre essas duas subclasses de verbos que precisam ser entendidas antes de entrarmos nas questões internas dos verbos descritivos. Após mostrarmos as distinções entre as duas classes de verbos intransitivos, iniciaremos as discussões referentes às questões semânticas e morfossintáticas específicas dos descritivos em Apurinã.

#### 3.2.1. Distinção Semântica

A distinção semântica existente entre os dois subgrupos de verbos intransitivos em Apurinã consiste no fato de que os (vip) expressam ações, eventos, processos, enfim, as noções que normalmente se esperam ser codificadas por verbos; enquanto que os (vid) codificam noções que normalmente se espera serem expressas por adjetivos, como vemos nos exemplos abaixo:

Ex: 32) Verbos Intransitivos Padrão

a) ny-serena

1sg-dançar

‘Eu danço.’

b) y-myteka                      kyky

3m.sg-correr                      homem

‘O homem correu.’

Ex: 33) Verbos Intransitivos Descritivos

a) ere-nu

ser.bonito-1sg.

‘Eu sou bonito/a’

b) ny-tuma-ta

1sg-estar.cansado-vblz

‘Eu estou cansado/a’

### 3.2.2. Distinção Morfossintática

A língua Apurinã possui duas classes de pronomes presos: uma que se agrega à esquerda da raiz verbal e funciona como sujeito; e outra que se agrega à direita da raiz e funciona como objeto (cf. Tabelas 01 e 02).

Uma das principais diferenças entre essas duas categorias verbais é que os (vip) só podem carregar os pronomes de sujeito; enquanto que os (vid) podem carregar tanto os pronomes de sujeito, quanto os pronomes de objeto, inclusiva ou exclusivamente dependendo do verbo em questão.

Ex: 34) Verbos Intransitivo Padrão

a) <b>ny-myteka</b>	<b>*myteka-nu</b>
1sg-correr	correr-1sg
‘Eu corro.’	(Eu corro)
b) <b>n-ymaka-ku</b>	<b>*ymaka-ku-nu</b>
1sg-dormir-fut	dormir-fut-1sg
‘Eu dormirei.’	(Eu dormirei)

Ex: 35) Verbos Intransitivos Descritivos

a) <b>ny-matukynawa-ta</b>	<b>*matukynawa-ta-nu</b>
1sg-estar.enraivecido-vblz	estar enraivecido-vblz-1sg
‘Eu estou enraivecido.’	(Eu estou enraivecido)
b) <b>papate-nu</b> nota	<b>*ny-papate</b> nota
ser.tímido-1sg    1sg	1sg-ser.tímido    1sg

‘Eu sou tímido.’

(Eu sou tímido)

c) **ny**-kiumanitxi

1sg-estar.velho

‘Eu estou velho.’

d) kiumanitxi **-nu**

ser.velho -1sg

‘Eu sou velho.’

De acordo com o agrupamento pronominal recorrente com cada descritivo, podemos dividi-los em três subclasses, a saber: os descritivos subjetivos (que carregam os pronomes de sujeito – ver Ex 35a), os descritivos objetivos (que carregam os pronomes de objeto – ver Ex 35b) e os descritivos ambivalentes (que podem carregar ou os pronomes de sujeito ou os pronomes de objeto – ver Ex 35c e 35d).

A principal implicação deste fenômeno na língua é que ele divide o modelo de relação gramatical da mesma, uma vez que os verbos “não-descritivos”, isto é, transitivos e intransitivos ativos, seguem o tipo Nominativo-Acusativo, enquanto que os descritivos seguem o modelo de Intransitividade Cindida, pois há verbos intransitivos descritivos que marcam seu argumento (S) como (A); outros como (P); e outros que marcam ora como (A), ora como (P).

Ex: 36) Verbo Transitivo

a) (A)            (P)

**u-makatxaka-ry**

3sg.f-levar.para.fora-3sg.m

‘Ela o levou para fora.’

b) (A) (P)

**y-tamata-ru**

sytu

3sg.m-olhar-3sg.f

mulher

‘Ele olhou para a mulher.’

Ex: 37) Verbo Intransitivo Padrão

a) (S)

**y-myteka**

kyky

3sg.m-correr

homem

‘O homem correu.’

b) (S)

**u-serena**

sytu

3sg.f-dançar

mulher

‘A mulher dançou.’

Ex: 38) Verbo Intransitivo Descritivo Subjetivo

a) (S)



**ny-pĩkare-ta**

1sg-estar.com.medo-vblz

‘Eu estou com medo.’

b) (S)

**pa-pĩkare-nu**

vblz-ser.medroso-1sg

‘Eu sou medroso.’

Como os exemplos demonstram, o único argumento dos descritivos subjetivos manifesta-se da mesma forma que o sujeito do verbo transitivo e como o único argumento dos intransitivos padrão. Neste caso temos S=A, portanto, abreviamos esse argumento como Sa. Por outro lado, o argumento dos descritivos objetivos comporta-se da mesma forma que o objeto do verbo transitivo, logo, com esses verbos, temos S=P, ou seja, Sp. O argumento dos descritivos ambivalentes pode se manifestar ora como Sa, ora como Sp, dependendo do morfema responsável pela derivação do descritivo em questão (ver as seções 3.3.2.2 e 4.4). Dessa forma, a distribuição pronominal nos verbos Apurinã se apresenta da seguinte maneira:

Tabela 04

Distribuição Pronominal Apurinã

Verbos	Argumentos	
Transitivo	A	P
Intransitivo Padrão	Sa	
Intransitivo Descritivo Subjetivo	Sa	
Intransitivo Descritivo Objetivo		Sp
Intransitivo Descritivo Ambivalente	(Sa)	(Sp)

3.3. Distinção entre os Verbos Intransitivos Descritivos Subjetivos (VIDS), Objetivos (VIDO) e Ambivalentes (VIDA).

### 3.3.1. Distinção Morfossintática

Dissemos acima que os verbos descritivos seguem o modelo de Intransitividade Cindida, porque podem carregar os pronomes de sujeito e os de objeto de forma exclusiva ou inclusiva. Como já foi dito, existem dois subtipos de Intransitividade Cindida: um que distribui os pronomes nos verbos independentemente da semântica que ele expressa em dado contexto (S-Cindido) e outro que distribui os pronomes dependendo da semântica que o verbo venha a ter num contexto específico (S-Fluido).

#### 3.3.1.1. S-Cindido nos Descritivos Apurinã



Em Apurinã, a maioria mássica dos verbos descritivos pode carregar apenas uma classe de pronomes presos, caracterizando assim um caso de S-Cindido. Esses verbos são os descritivos subjetivos e os objetivos, como vemos nos exemplos abaixo:

Ex: 41) Verbo Intransitivo Descritivo Subjetivo

- |                             |  |                             |
|-----------------------------|--|-----------------------------|
| a) <b>ny</b> -natxi-ta      |  | <b>*natxi-ta-nu</b>         |
| 1sg-estar.com.fome-vblz     |  | estar.faminto-vblz-1sg      |
| ‘Eu estou com fome.’        |  | (Eu estou com fome.)        |
| <br>                        |  |                             |
| b) <b>y</b> -maxikarawa-ta  |  | <b>*maxikarawa-ta-ry</b>    |
| 3sg.m-estar.preocupado-vblz |  | estar.preocupado-vblz-3sg.m |
| ‘Ele está preocupado.’      |  | (Ele está preocupado.)      |
| <br>                        |  |                             |
| c) <b>p</b> -amiana-ta      |  | <b>*amiana-ta-i</b>         |
| 2sg-estar.doente-vblz       |  | estar.doente-vblz-2sg       |
| ‘Você está doente.’         |  | (Você está doente.)         |

Ex: 42) Verbo Intransitivo Descritivo Objetivo

- |                        |           |                     |           |
|------------------------|-----------|---------------------|-----------|
| a) axipitxi- <b>nu</b> |           | <b>*n-</b> axipitxi |           |
| ser.baixo-1sg          |           | 1sg- ser.baixo      |           |
| ‘Eu sou baixo.’        |           | (Eu sou baixo.)     |           |
| <br>                   |           |                     |           |
| b) pãawana- <b>ry</b>  | xiripitxi | <b>*y-</b> pãawana  | xiripitxi |
| ser.pontiagudo-3sg.m   | flecha    | 3sg- ser.pontiagudo | flecha    |

‘A flecha é pontiaguda.’	(A flecha é pontiaguda.)
c) ere- <b>i</b>	* <b>p</b> -ere
ser.bonito-2sg	2sg- ser.bonito
‘Você é bonito.’	(Você é bonito.)

Como pudemos observar nos exemplos em 41, as tentativas de substituir a série pronominal subjetiva pela objetiva tornaram as orações agramaticais. O mesmo vale para os exemplos em 42, nos quais tentamos substituir os pronomes de objeto pelos de sujeito, o que também não foi aceito pelos falantes nativos.

### 3.3.1.2. S-Fluido nos Descritivos Apurinã

Apesar do grande número de descritivos pertencente ao modelo acima, existe um número restrito de descritivos que podem carregar ora os pronomes de sujeito, ora os pronomes de objetos, dependendo da semântica que os verbos possuam na situação em que forem ditos. Isto caracteriza um caso de S-Fluido na língua. Os verbos que seguem esse modelo são os chamados descritivos ambivalentes.

Ex: 43a) **ny**-kiumanitxi (Subjetivo)

1sg-estar.velho

‘Eu estou velho.’

b) kiumanitxi-**nu** (Objetivo)

ser.velho-1sg

‘Eu sou velho.’

Ex: 44a) **ny**-maxika

(Subjetivo)

1sg-ser.preocupado

‘Eu sou preocupado. (Eu vivo preocupado)’

b) maxika-**nu**

(Objetivo)

ser.preocupado-nu

‘Eu estou preocupado.’

Ex 45a) **ny**-hereka

(Subjetivo)

1sg-estar.bom

‘Eu estou bom (curado)’

b) hereka-**nu**

(Objetivo)

ser.bom-1sg

‘Eu sou bom’

É importante falar da morfossintaxe dos descritivos Apurinã antes de entrar na semântica dos mesmos porque é preciso se ter claro o tipo de distribuição pronominal recorrente com os descritivos antes de entender como a semântica influencia esse agrupamento pronominal como veremos em 3.3.2.

### 3.3.2. Distinção Semântica

Já foi possível observar que existe uma distinção semântica entre as subclasses de verbos descritivos, e que, possivelmente, é ela que determina o agrupamento pronominal recorrente com cada raiz descritiva. Nesta seção, iremos investigar as possíveis motivações para esta cisão de agrupamento pronominal com tais verbos.

A distinção semântica entre as subclasses de descritivos na língua parece estar relacionada ao aspecto que cada uma delas possui, uma vez que tal distinção consiste no fato de que os descritivos subjetivos, na maioria dos casos, denotam estados mais passageiros; e os objetivos denotam estados mais duradouros, o mesmo vale para os ambivalentes, dependendo do pronome que carreguem na ocasião, como vemos abaixo:

Ex: 46) Descritivos Subjetivos

a) ny-serĩkanã-ta

1sg-estar.deitado-vblz

‘Eu estou deitado.’

b) y-typãka

3sg.m-estar.sentado

‘Ele está sentado.’

c) a-natxita

1pl-estar.com.fome

‘Nós estamos com fome.’

d) py-thyma-ta

2sg-estar.cansado-vblz



vblz-ser.medroso-1sg

‘Eu sou medroso.’

c) ny-hereka

1sg-estar.bom

‘Eu estou bom (curado).’

d) hereka-nu

ser.bom-1sg

‘Eu sou bom.’

Como foi mostrado, os descritivos subjetivos codificam estados mais passageiros, fazendo referência a: posições (46a, b), estados fisiológicos (46c) e estados psicológicos (46d), isto é, estados nos quais o sujeito envolvido não permanece por muito tempo.

Já os descritivos objetivos codificam estados mais duradouros, ou em alguns casos permanentes, como: potencial para velocidade (47a), textura/consistência (47b), cor (47c), tamanho (47d), sensação gustatória, peso, valor, forma, fisionomia/forma corporal, idade e temperatura. Portanto, a semântica dos verbos descritivos objetivos nos sugere que a entidade envolvida possui quase que em definitivo ou inerentemente as características expressas pelo verbo.

Os descritivos ambivalentes codificam os estados que podem ser tanto adquiridos/passageiros (48a e c), quanto inerentes/duradouros (48b e d).

Em outras palavras, a semântica dos descritivos objetivos – o mesmo vale para os ambivalentes quando estão carregando pronomes de objeto – aponta para características

que o elemento descrito realmente possui por essência e não àquelas que ele adquire e perde com facilidade. Propriedades passageiras são expressas pelos descritivos subjetivos e pelos ambivalentes quando estão carregando pronomes de sujeito.

A distinção corresponde mais ou menos ao uso dos verbos copulativos *ser* e *estar* em Português: se o elemento descrito “é” alguma coisa, em Apurinã, ou seja, possui a característica mencionada, então, sua semântica será codificada por um verbo que exige a presença de um pronome de objeto como argumento; por outro lado, se ele apenas “está” em algum estado, isto é, apresenta apenas temporariamente as características mencionadas, então será codificado, em Apurinã, por um verbo que requer a presença de um pronome de sujeito.

É interessante observar que ainda que ‘temperatura’ corresponda freqüentemente a um estado passageiro, ainda assim os verbos descritivos que possuem essa semântica exigem a presença de um pronome de objeto e não de sujeito, ao contrário do que se esperaria. Isso pode indicar que a lexicalização dessa propriedade tenha levado mais em consideração exemplos típicos do que é quente ou frio (tais como fogo, chama, brasa e gelo) do que o número de ocorrências de coisas quentes ou frias com as quais os falantes de Apurinã interagem no dia-a-dia.

Abaixo vemos uma tabela, com os principais tipos semânticos expressos pelos descritivos e sua respectiva classificação:

#### Tabela 05

#### Tipos Semânticos

<b>Tipo Semântico</b>	<b>Classe</b>
Posições	S
Estados Fisiológicos	S
Estados Psicológicos	S
Forma/Consistência	O
Cor	O
Tamanho/ Dimensão	O
Peso	O
Fisionomia/Forma Corporal	O
Velocidade	O
Idade	O
Condição de Existência	O
Valor	O
Sensação Gustatória	O
Temperatura	O

É importante dizer que nem todos os verbos pertencentes a um dado tipo semântico se comportam da mesma forma em relação a seus argumentos. Na Tabela 05, um grupo semântico recebeu o rótulo de subjetivo ou objetivo porque a maior parte dos verbos que fazem parte desse grupo pede majoritariamente apenas uma classe de pronomes, mas, de fato, isto não é uma verdade absoluta sobre esses verbos. Ou seja, dentro de uma classe rotulada como certo tipo semântico pode haver tanto verbos descritivos objetivos quanto verbos descritivos subjetivos e ambivalentes.



Ex: 49) Descritivo Subjetivo

u-ipỹpe                                      anãpa  
3sg.f-estar.morto                      cachorro

‘A cadela está morta.’

Ex: 50) Descritivo Objetivo

itapynyka-nu  
estar.com.sono-1sg  
‘Eu estou com sono.’

Os exemplos nos mostram que **ipỹpe** ‘estar morto’ designa um estado permanente, na verdade uma condição, e que por isso se esperaria que esse verbo carregasse o pronome de objeto e não o de sujeito, como acontece (ver Ex: 49). O mesmo vale para o verbo **itapynyka** ‘estar com sono’, que é um estado passageiro e por isso o verbo deveria atrair o pronome de sujeito e não o de objeto, como acontece (ver Ex: 50).

### 3.3.2.1. *Aktionsart* Definida

Grande parte dos verbos descritivos possui suas noções semânticas motivadas por uma distinção aspectual que parece já estar lexicalizada, ou seja, determinados verbos expressam exclusivamente a noção de “permanência” e outros a de “transitoriedade”, figurando um caso de distinção entre duas categorias de *aktionsarten*.

Ex: 51a) ny-tuma-ta                                      (subjetivo)

1sg-estar.de.pé-vblz

‘Eu estou de pé.’

b) ny-pysyna-ta (subjeto)

‘1sg-estar.com.sede-vblz

‘Eu estou com sede’

c) nh-inhĩkaka (subjeto)

1sg-estar.com.calor

‘Eu estou com calor.’

d) kaseru-nu (objeto)

ser.branco-1sg

‘Eu sou branco.’

e) axipitxi-nu (objeto)

ser.pequeno-1sg

‘Eu sou pequeno.’

Os exemplos que mostramos acima são de verbos que possuem uma noção semântica unilateral, isto é, não apresentam a sua contraparte. Em outras palavras, para um verbo que possua uma semântica temporária não existe outro que exprima o mesmo sentido de forma permanente e vice versa. No entanto, tais verbos existem na língua e por causa deles podemos confirmar que se trata de um caso de distinção de

*aktionsarten*, uma vez que há verbos distintos para expressar uma mesma noção semântica com aspecto variado.

Ex: 52a) ny-keraka (subjetivo)

1sg-estar.magro

‘Eu estou magro.’

b) maxinyke-nu (objetivo)

ser.magro-1sg

‘Eu sou magro.’

Ex: 53a) ny-thuma-ta (subjetivo)

1sg-estar.cansado-vblz

‘Eu estou cansado.’

b) ka-saka-nu (objetivo)

vblz-ser.cansado-1sg

‘Eu “sou” cansado.’

Ex: 54a) ny-matuninawa-ta (subjetivo)

1sg-estar.com.raiva-vblz

‘Eu estou com raiva.’

b) pa-noonama-nu (objetivo)

vblz-ser.raivoso-1sg

‘Eu sou raivoso.’

Ex: 55a) ny-enenĩka (subjetivo)

1sg-estar.alegre

‘Eu estou alegre.’

b) pu-xuku-nu (objetivo)

vblz-ser.alegre-1sg

‘Eu sou alegre.’

Como vemos, esta oposição de *aktionsart* diz respeito às propriedades que podem ser tanto inerentes quanto adquiridas, de tal forma que é possível encontrar verbos descritivos subjetivos e objetivos com raízes completamente distintas expressando a mesma noção de propriedade, porém com distinção quanto a sua inerência/aquisição.

Como os dados confirmam, o tipo de *aktionsart* modifica a série de afixos selecionados a ocorrer com tais verbos. Assim, podemos dizer que a semântica do verbo é que determina qual grupo pronominal será selecionado para ocorrer com ele. Essas mudanças semânticas que acarretam mudança da raiz verbal nos confirmam que as noções de “ser” ou “estar”, ou seja, estado permanente vs. estado transitório, são semanticamente lexicalizadas em cada verbo.

### 3.3.2.2. *Aktionsart* Indefinida

Há certo número, embora restrito, de descritivos que não apresentam a lexicalização da *aktionsart*, podendo ser traduzidos ora como “ser” ora como “estar”, dependendo do morfema derivacional e da série pronominal agregados a essas raízes.

Ex: 56a) ny-pĩkare-ta

1sg-estar.com.medo-vblz

‘Eu estou com medo.’

b) pa- pĩkare-nu

vblz-ser.medroso-1sg

‘Eu sou medroso.’

Ex: 57a) p-ĩpua-ta

2sg-gordura-vblz

‘Você está gordo.’

b) pa-ĩpua-i

vblz-gordura-2sg

‘Você é gordo.’

Ex: 58a) txua-ta-ry

café

doçura-vblz-3sg.m

café

‘O café é doce.’

b) pu-txua-ry

txipary

vblz-doçura-3sg.m            banana

‘A banana é doce.’

Na maioria dos casos em que temos descritivos que podem carregar as duas séries de pronomes presos, quase sempre nos deparamos com descritivos derivados, com apenas raríssimas exceções, o que nos levar a crer que, nestes casos, o que ocorre de fato, é que o processo derivacional (prefixal ou sufixal) recorrente com cada tipo de descritivo é que seja o responsável pela semântica que cada verbo emprega e que esta continua motivando o agrupamento pronominal nos descritivos, tal como já havíamos sugerido.

Essa hipótese nos parece bastante plausível, uma vez que pudemos observar que a derivação prefixal exclui a ocorrência dos pronomes de sujeito, selecionando apenas os pronomes de objeto para ocorrer com o verbo; enquanto que, por outro lado, a derivação sufixal descarta os pronomes de objeto, permitindo apenas a presença dos pronomes de sujeito ocorrendo com os descritivos<sup>17</sup>.

## CAPÍTULO IV

---

<sup>17</sup> Para maiores detalhes ver seção 4.4. desta dissertação.

# MORFOLOGIA DERIVACIONAL DOS DESCRITIVOS

## OBJETIVOS

### 4.1. Introdução

Em Apurinã, um verbo, bem como os nomes, pode ser primitivo ou derivado. Estamos chamando de verbos primitivos àqueles que não necessitam de nenhum morfema agregado à sua raiz para que tenham um comportamento verbal. Os derivados são aqueles provenientes de outras classes de palavras (como nomes) ou de raízes dependentes que necessitam de um morfema ocorrendo agregado a essa raiz para que ela possa ter um *status* verbal.

No presente capítulo, pretendemos dar conta da morfologia derivacional que diz respeito principalmente à classe de verbos descritivos objetivos Apurinã, uma vez que apenas essa subclasse de verbos na língua possui morfologia distinta das demais classes de verbos que já tiveram sua morfologia estudada por Facundes (2000).

### 4.2. Derivação dos verbos “Não-descritivos”

Os verbos “não-descritivos” Apurinã podem consistir tanto de raízes inerentemente verbais, quanto de raízes nominais ou dependentes acrescidas do morfema verbalizador **-ta**, como vemos nos exemplos abaixo:

Ex.:59) Verbos Primitivos

a.1) serena 'dançar'

a.2) sytu serena  
mulher dançar  
'A mulher dança.'

b.1) myteka 'correr'

b.2) manitxi myteka apiá  
veado correr Intensificador  
'O veado corre muito.'

c.1) irika 'cair'

c.2) nh-irika 'Eu cai.'  
1sg-cair

Ex.:60) Verbos Derivados

a) Raiz Dependente

a.1. \*nhipuku

a.2. nhipuku-**ta** 'comer'

a.3. nhi-nhipuku-**ta** ximaky

1sg-comer-vblz peixe

'Eu como peixe.'



b) Raiz Nominal

- b.1. karywa ‘homem branco/não-índio’  
b.2. karywa-**ta** ‘ser/agir como um homem branco’

b.3. py-kariwa-**ta**

2sg-homem branco/não-índio-vblz

‘Tu és/age como um homem branco.’

Como vimos, em (59a, b e c) temos a presença de raízes inerentemente verbais, isto é, sem nenhum afixo agregado a elas e, ainda assim, essas palavras são verbos na língua. Em (60a), temos a ocorrência de um verbo derivado de uma raiz dependente, ou seja, que não tem significado sozinha e por isso precisa ou de um morfema nominalizador<sup>18</sup> ou de verbalizador para se realizar na língua. Em (60b), observamos um processo de derivação verbal a partir de uma raiz nominal.

As palavras descritivas, que nesta língua consideramos verbos intransitivos (ver capítulo II), por compartilharem a maior parte de suas propriedades com os demais verbos da língua, não fogem ao que foi dito acima:

Ex.:61) Verbos Descritivos Primitivos

- a) puumama ‘ser.preto/negro’  
b) sytyka ‘ser/estar.fedorento’  
c) axipitxi ‘ser.pequeno/baixo’

Ex.:62) Verbos Descritivos Derivados

---

<sup>18</sup> nhipuku-re ‘comida’  
raiz dependente-nmlz

nhi-nhipuku-re ‘minha comida’  
1sg-raiz dependente-nmlz

a) pĩkare	‘medo’
pĩkare- <b>ta</b>	‘estar.com.medo’
ny-pĩkare- <b>ta</b>	‘Eu estou com medo.’
1sg-medo-vblz	
b) sana	‘sede’
sana- <b>ta</b>	‘estar.com.sede’
ny-sana- <b>ta</b>	‘Eu estou com sede.’
1sg-sede-vblz	
c) matykyny	‘raiva’
matykyny- <b>ta</b>	‘estar.com.raiva’
ny-matukyna- <b>ta</b>	‘Eu estou com raiva.’
1sg-raiva-reflex-vblz	

Em (61a, b e c), temos a presença de raízes inerentemente descritivas, ou seja, que não necessitam de nenhum afixo para ter comportamento verbal nesta língua; enquanto em (62a, b, e c), temos a presença de três raízes nominais que recebem o morfema **-ta** para que possam funcionar como verbos descritivos.

Podemos observar com os exemplos acima – e com outros já apresentados no corpo do trabalho – que os verbos descritivos que sofrem derivação sufixal, como os demais verbos da língua, são apenas os subjetivos. Os objetivos sofrem derivação prefixal, isto é, possuem alguns grupos de morfemas derivacionais exclusivos que, ao derivarem, influenciam de formas distintas a semântica desses verbos. Tais grupos são:

a) Verbalizadores: **ka-** e **pu-**;

b) Verbalizadores Intensificadores: **pa-** e **my-**;

c) Verbalizador Privativo: **ma-**;

d) Verbalizador Reversivo: **wẽ-**.

#### 4.3. Derivação dos verbos Descritivos Objetivos

##### 4.3.1. Verbalizadores: **ka-** e **pu-**

Os morfemas do primeiro grupo (**ka-** e **pu-**) parecem funcionar da mesma forma que o verbalizador **-ta**, ou seja, eles apenas derivam verbos descritivos de outras raízes que podem ser tanto dependentes, quanto nominais.

Ex.: 63) Verbalizador **ka-**

- |                     |      |                        |
|---------------------|------|------------------------|
| a) txiku            |      | ‘o sujo’               |
| <b>ka</b> -txiku    |      | ‘estar.sujo’           |
| <b>ka</b> -txiku-nu |      | ‘Eu estou sujo.’       |
| vblz-sujo-1sg       |      |                        |
| b) tapu             |      | ‘arco’                 |
| <b>ka</b> -tapu     |      | ‘ser/estar.torto’      |
| <b>ka</b> -tapu-ry  | aiku | ‘A casa é/está torta.’ |
| vblz-arco-3sg.m     | casa |                        |
| c) txĩkare          |      | ‘o frio’               |

<b>ka-txĩkare</b>		‘ser/estar.frio’
<b>ka-txĩkare-ry</b>	iburã	‘A água é/está fria.’
vblz-frio-3sg.m	água	

Ex.: 64) Verbalizador **pu-**

a) pyse		‘cheiro’
<b>pu-pyse</b>		‘ser/estar.cheiroso’
<b>pu-pyse-ru</b>		‘Ela é/está cheirosa.’
vblz-cheiro-3sg.f		
b) txua		‘doçura’
<b>pu-txua</b>		‘ser.doce’
<b>pu-txua-ry</b>	txipary	‘A banana é doce.’
vblz-doçura-3sg.m	banana	
c) *nhiku		(raiz dependente)
<b>pu-nhiku</b>		‘ser/estar.gostoso’
<b>pu-nhiku-ry</b>	ximaky	‘O peixe é gostoso.’
vblz-raiz dependente-3sg.m	peixe	

Os exemplos em (63) ilustram verbos descritivos sendo derivados de raízes nominais a partir do acréscimo do prefixo **ka-** a essas raízes. Os exemplos (64a e b) apresentam o mesmo processo, contudo, a derivação é feita por meio do prefixo **pu-**; em (64c) temos um exemplo de uma raiz dependente que recebeu o verbalizador **pu-** e passou a funcionar como um verbo descritivo.

#### 4.3.2. Verbalizadores Intensificadores: **pa-** e **my-**

Os morfemas do segundo grupo (**pa-** e **my-**) distinguem-se dos do primeiro grupo porque além de derivarem verbos descritivos, eles também intensificam a semântica de tais verbos. Por esta razão, chamamos estes morfemas de Verbalizadores Intensificadores<sup>19</sup>.

Ex.: 65) Verbalizador Intensificador **pa-**

a.1) **ka**-txiku-nu

vblz-sujo-1sg

‘Eu estou sujo.’

a.2) **pa**-txiku-nu

vblz.int-sujo-1sg

‘Eu estou **muito** sujo.’

b.1) **pu**-txua-ry

txipary

vblz-doçura-3sg.m

banana

‘A banana é doce.’

b.2) **pa**-txua-ry

txipary

---

<sup>19</sup> O informante da comunidade Vista Alegre nem sempre faz distinção entre os usos dos verbalizadores **ka-** e **pa-**, de modo que, as vezes, parece usá-los como se estivessem em variação livre.

vblz.int-doçura-3sg.m                      banana

‘A banana é **muito** doce.’

c.1) **ka**-pataka-nu                      nota

vblz-estar.quente-1sg                      1sg

‘Eu estou com calor.’

c.2) **pa**-pataka-nu                      nota

vblz.int –estar.quente-1sg                      1sg

‘Eu estou com **muito** calor.’

Ex.: 66) Verbalizador Intensificador **my**-

a.1) **pu**-nhiku-ry                      ximaky

vblz-gosto-3sg.m                      peixe

‘O peixe é gostoso.’

a.2) **my**-nhiku-ry                      ximaky

vblz.int-gosto-3sg.m                      peixe

‘O peixe é **muito** gostoso.’

b.1) **ka**-parata-ry                      kupitxi

vblz-estar.quente-3sg.m                      panela

‘A panela está quente.’

b.2) **my**-parata-ry                      kupity

vblz.int-quente-3sg.m                      panela

‘A panela está **muito** quente.’

c.1) **ka**-tima-ry                                      manity

vblz-ser.ligeiro-3sg.m                      veado

‘O veado é ligeiro.’

c.2) **my**-tima-ry                                      manity

vblz.int-ser.ligeiro-3sg.m                      veado

‘O veado é **muito** ligeiro.’

Nos exemplos em (65a1, b1 e c1) e (66 a1, b1 e c1), temos construções descritivas derivadas a partir dos morfemas **ka-** e **pu-**. Nos exemplos (65a2, b2 e c2) e (66a2, b2 e c2) fazendo-se a substituição dos morfemas acima referidos com os Intensificadores **pa-** e **my-** observamos a mudança semântica sofrida por esses verbos descritivos derivados que têm seu significado reforçado com a presença do segundo grupo de morfemas.

#### 4.3.3. Verbalizador Privativo: **ma-**

O morfema pertencente ao terceiro grupo (**ma-**) não só deriva verbos descritivos de raízes nominais, mas também se agrega a verbos inerentemente descritivos para derivar uma forma que pode corresponder ao seu antônimo. Esse morfema recebeu o rótulo de Privativo porque quando ele se agrega a uma raiz nominal para derivar um verbo descritivo ele parece negar/privar esse verbo do sentido que normalmente se





vblz.priv-ser.alto-1sg

‘Eu sou baixo.’

Como vemos nos exemplos (67a1, b1), temos construções descritivas derivadas pelos verbalizadores **ka-** e **pu-** que apenas derivam verbos descritivos. Esses morfemas, quando substituídos pelo Privativo **ma-** (67a2 e b2), passam a derivar verbos que “negam” a semântica que se espera que eles tenham. No exemplo (67c1), temos a presença de uma raiz inerentemente descritiva que, quando recebe o morfema Privativo **ma-**, passa a designar seu antônimo, como vemos no exemplo (67c2).

Outra questão relevante em relação a esse morfema é a alomorfia condicionada do pronome de terceira pessoa para objeto masculino e feminino (**-ry** e **-ru**, respectivamente) que passa a **-ty** e **-tu**<sup>20</sup>, como podemos observar em (67a2) e nos seguintes exemplos abaixo:

Ex.: 68a1)    ãta-**ru**

ser.alto-3sg.f

‘Ela é alta.’

a2) m-ãta-**tu**

vblz.priv-ser.alto-3sg.f

‘Ela é baixa’

b.1) ere-**ry**

---

<sup>20</sup> Para mais informações sobre este processo ver Facundes (2000).

ser.bonito- 3sg.m

‘Ele é bonito’

b.2) ma-ere-ty

vblz.priv-ser.bonito-3sg.m

‘Ele é feio’

#### 4.3.4. Verbalizador Reversivo: **wẽ-**

O morfema do quarto grupo (-**wẽ**), chamado de Reversivo, recebeu este rótulo porque ele reverte/cancela o significado negativo atribuído ao verbo descritivo com o qual ocorre. Esse significado negativo pode advir tanto do morfema Privativo (-**ma**) do qual falamos acima, quanto da palavra **kuna** que indica negação na língua.

Ex.: 69) Verbalizador Reversivo -**wẽ**

a.1) ere-ry

ser.bonito-3sg.m

‘Ele é bonito.’

a.2) **ma**-ere-ty

vblz.priv-ser.bonito-3sg.m

‘Ele **não** é bonito/ ele é feio.’

a.3) ma-**wẽ**-ere-ty

vblz.priv- vblz.rev-ser.bonito-3sg.m

‘Ele é bonito.’

b.1) pa-ereka-ru

vblz.int.-ser.bom-3sg.f

‘Ela é muito boa.’

b.2) kuna pa-ereka-ru

não vblz.int. –ser.bom-3sg.f

‘Ela não é muito boa.’

b.3) kuna pa-**wẽ**-ereka-ru

não vblz.int.-vblz.rev.-ser.bom-3sg.f

‘Ela é muito boa.’

Nos exemplos (69a.3), observamos que o morfema Reversivo está cancelando o significado negativo do morfema Privativo **–ma**, de tal forma que uma construção em que ambos são usados simultaneamente possui, aparentemente, o mesmo significado de uma oração que não possui nenhum dos dois (comparar com 69a.1). O mesmo processo ocorre em (69b), a diferença é que nestes exemplos o morfema Privativo está cancelando o significado negativo da partícula livre **kuna**.

#### 4.4. Algumas Considerações sobre a Morfologia dos Verbos Descritivos

Como pudemos observar os verbos descritivos objetivos Apurinã, embora compartilhem uma parte de sua morfologia com os demais verbos da língua, possuem alguns morfemas que ocorrem exclusivamente consigo, o que os diferencia em termos formais da subclasse subjetiva que sofre derivação apenas pelo verbalizador sufixal **-ta**, a exemplo dos verbos não-descritivos.

Ex.: 70) Ocorrência dos Morfemas Prefixais com Verbos Descritivos Objetivos:

a) ka-	<b>ka</b> -txiku-ru	‘Ela está suja.’
b) pu-	<b>pu</b> -pyse-nu	‘Eu sou cheiroso.’
c) pa-	<b>pa</b> -txua-ry	‘Ele é muito doce.’
d) my-	<b>my</b> -tima-ry	‘Ele é muito ligeiro..’
e) ma-	<b>ma</b> -ere-ty	‘Ele não é bonito/ele é feio.’
f) wẽ-	ma- <b>wẽ</b> -ereka-ru	‘Ela é boa.’

Em termos do uso das formas pronominais presas, descritivos derivados a partir dos morfemas supracitados admitem apenas pronomes de objeto completando seu significado; ou seja, quando algum desses morfemas se agrega a uma raiz nominal ou dependente, o resultado sempre será um verbo descritivo objetivo. Uma prova disso é que se tentarmos substituir os pronomes de objeto pelos de sujeito, o resultado será agramatical.

Ex.: 71) Não-Ocorrência dos Pronomes Subjetivos com Verbos Descritivos derivados por Prefixação:

a) ka-	* <b>u</b> -ka-txiku	(Ela está suja)
--------	----------------------	-----------------

b) pu-	*ny-pu-pyse	(Eu sou cheiroso)
c) pa-	*y-pa-txua	(Ele é muito doce)
d) my-	*y-my-tima	(Ele é muito ligeiro)
e) ma-	*y-ma-ere	(Ele não é bonito/ele é feio)
f) wẽ-	*y-ma-wẽ-ereka	(Ela é boa)

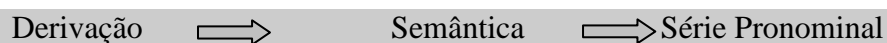
Nenhuma tentativa de completar os verbos descritivos derivados a partir de morfemas prefixais com pronomes de sujeito foi aceita pelos falantes da língua, como ilustram os exemplos acima.

Isso se justifica se dissermos que esses morfemas derivacionais prefixais influenciam a semântica do verbo não apenas no sentido de intensificá-la, privá-la ou revertê-la, mas também que eles influenciam a semântica aspectual dos verbos, formando apenas descritivos que possuem uma semântica mais duradoura.

Como vimos no capítulo III (seção 3.3.2.2) é a semântica do descritivo que seleciona o pronome que lhe servirá como argumento e no caso dos descritivos que expressam estados mais duradouros, a série pronominal selecionada será geralmente a objetiva.

O contrário é válido para os descritivos subjetivos, pois, com esses verbos o morfema derivacional é sufixal e deriva verbos cuja semântica aspectual codifica estados passageiros e por isso requerem pronomes de sujeito.

Em outras palavras, é a morfologia derivacional dos descritivos que influencia sua semântica aspectual e esta seleciona a série pronominal a ocorrer com o verbo já derivado, como ilustra o esquema abaixo:



Sufixal	Passageira	Subjetiva
Prefixal	Duradoura	Objetiva

Existem, porém, algumas raízes (nominais ou dependentes) que aceitam ambos os processos derivacionais, isto é, tanto o prefixal, quanto o sufixal, e que, por isso, podem carregar as duas séries pronominais, dependendo de qual morfema derivacional esteja sendo responsável pelo seu processo de formação – esses descritivos são os chamados de ambivalentes – como é o caso dos exemplos abaixo:

Ex 72) pĩkare	‘medo’
a) pĩkare- <b>ta</b>	‘estar com medo’
<b>pu</b> -pĩkare- <b>ta</b>	‘Tu estás com medo.’
2sg-estar.com.medo-vblz	
b) ka- pĩkare	‘estar com medo’
<b>ka</b> -pĩkare- <b>i</b>	‘Tu estás com medo.’
vblz-medo-2sg <sup>21</sup>	

Podemos dizer, então, que a estrutura de um verbo descritivo em Apurinã é a seguinte:

Classe Descritiva Subjetiva: (Subj)-Raiz-(*ta*)

Classe Descritiva Objetiva: (Atrib/Priv)-(Rev)-Raiz-(Obj)

<sup>21</sup> Para outros exemplos como esse ver seção 3.3.1.2.2

## **CAPÍTULO V**

### **RECLASSIFICAÇÃO DOS DESCRITIVOS SUBJETIVOS**

#### **5.1- Introdução**

Nos capítulos anteriores, descrevemos e analisamos vários aspectos referentes aos verbos descritivos na língua Apurinã, dentre eles: semânticos, morfossintáticos e morfológicos. Em princípio, estávamos seguindo a classificação dos descritivos feita por Facundes (2000), que diz que os verbos intransitivos descritivos subjetivos e objetivos formam uma mesma categoria gramatical, a qual se opõe à categoria dos intransitivos padrão pelo fato de estes serem verbos ativos. Todavia, à medida em que nossos dados foram sendo investigados, observamos maior afinidade formal entre os chamados descritivos subjetivos e os intransitivos padrão do que entre as duas subclasses de descritivos, de modo que neste capítulo, iremos tentar resolver o problema de classificação dos descritivos subjetivos, a fim de determinar se eles continuam fazendo parte da categoria de descritivos ao lado dos descritivos objetivos ou se, de fato, eles comungam maior parte de suas características com os intransitivos padrão, passando a fazer parte desta categoria.

#### **5.2. Semântica dos Descritivos Subjetivos**

Vimos no capítulo III que a semântica dos descritivos subjetivos é diferente da semântica dos descritivos padrão, basicamente, porque os primeiros denotam propriedades, enquanto que os últimos denotam predominantemente eventos. Por outro

lado, observamos que, embora os descritivos subjetivos denotem propriedades tal qual os objetivos, há também distinção semântica entre eles, pois os primeiros codificam estados passageiros e os últimos, estados duradouros, de modo que os descritivos subjetivos terminam sendo semanticamente distintos tanto dos (vip) quanto dos (vido), como vemos nos exemplos abaixo:

Ex 73) Intransitivos Padrão

a) ny-serena

1sg-dançar

‘Eu danço.’

b) py-myteka

2sg-correr

‘Ele correu.’

Ex 74) Descritivos Subjetivos

a) ny-sytŷka

1sg-estar.fedorento

‘Eu estou fedendo.’

b) y-sāpaka

3sg-estar.cansado

‘Ele está cansado.’



Ex 75) Descritivos Objetivos

a) katsupi-ry                      hywy

ser.branco-3sg.m                flor

‘A flor é branca.’

b) myta-ry                            aiku

ser.grande-3sg.m                casa

‘A casa é grande.’

A tabela abaixo nos ajuda a compreender melhor o que foi dito acima:

Tabela 06

Semântica dos Verbos Intransitivos

	Verbos Ativos		Verbos Estativos	
Classe	Intransitivos Padrão		Intransitivos Descritivos	
Gramatical			Subjetivos	Objetivos
Classe	Eventos, Ações, Processos		Estado Passageiro	Estado Duradouro
Semântica				

Como a Tabela 06 ilustra, os verbos descritivos subjetivos possuem mais afinidade semântica com os descritivos objetivos, uma vez que ambos são verbos estativos (em oposição aos ativos/dinâmicos). No entanto, apresentam também distinções entre si, de forma que são agrupados, semanticamente, em subcategorias distintas.

### 5.3. Morfossintaxe dos Descritivos Subjetivos

Em relação à morfossintaxe dos descritivos subjetivos, foi dito que estes pedem como complemento marcas pronominais de sujeito, da mesma forma que os intransitivos padrão e não marcas pronominais de objeto como fazem os descritivos objetivos. Esse seria um ponto em comum entre os (vids) e os (vip), pois isto nos mostra que eles possuem o mesmo tipo de agrupamento pronominal, ou seja, marcam (S) como (A), o que os torna distintos dos (vido) que marcam (S) como (P). Vejamos os exemplos a seguir:

#### Ex. 76) Descritivos Subjetivos

##### a) (Sa)

**u-serĩkanã-ta**

3sg.f-estar.deitado-vblz

‘Ela está deitada.’

##### b) (Sa)

**py-keraka**

2sg-estar magro

‘Tu estás magro/a.’

Ex 77) Intransitivos Padrão

a) (Sa)

**nh-irika**

1sg-cair

‘Eu cai.’

b) (Sa)

**u-apupe**

3sg.f-chegar

‘Ela chegou.’

Ex 78) Descritivos Objetivos

a) (Sp)

ka-tapu-ry                      aiku

vblz-arco-3sg.m                casa

‘A casa é/está torta.’

b) (Sp)

ĩta-**nu**

ser.alto-1sg

‘Eu sou alto.’

A tabela apresentada abaixo resume o que dissemos:

Tabela 07

Agrupamento Pronominal dos Verbos Intransitivos

VERBOS QUE CARREGAM MARCAS PRONOMINAIS DE SUJEITO (SA)		VERBOS QUE CARREGAM MARCAS PRONOMINAIS DE OBJETO (SP)
Intransitivo	Descritivo	Descritivo Objetivo
Padrão	Subjetivo	

Da forma como vemos nessa Tabela, podemos dizer que a intransitividade cindida, então, não se restringe à classe dos verbos descritivos – semanticamente definidos como verbos de estado ou condição de existência, como havia sido dito anteriormente – , mas sim, que esta distingue gramaticalmente uma subclasse semântica de verbos de estado ou condição de existencial, nomeadamente aquela que expressa estados mais duradouros, de todos os demais verbos intransitivos língua.

#### 5.4. Morfologia Derivacional dos Descritivos Subjetivos

Os descritivos subjetivos, bem como os verbos ativos da língua Apurinã, sofrem derivação sufixal, mais especificamente, pelo acréscimo do verbalizador **-ta**, a raízes nominais ou a raízes dependentes; ao contrário do que ocorre com os descritivos objetivos que possuem derivação prefixal (ver capítulo IV), como ilustram os exemplos abaixo:

Ex 79) Verbos “não-descritivos”

- a) nhipuku raiz dependente  
nhipuku-**ta** ‘comer’  
y-nhipuku-**ta** ximaky ‘Ele comeu o peixe.’  
3sg-comer-vblz peixe

- b) apa raiz dependente  
apa-**ta** ‘apanhar/colher’  
hãtakuru apa-nany-**ta**-ry aũty  
menina apanhar-prog-vblz-3sg.m umari  
‘A menina está apanhando umari.’

Ex 80) Descritivos Subjetivos

- a) amiana raiz dependente  
amiana-**ta** ‘estar doente’  
n- amiana-**ta** ‘Eu estou doente.’  
1sg-estar.doente-vblz

- b) serĩkanã raiz dependente  
serĩkanã-**ta** ‘estar deitado’  
y-serĩkanã-**ta** ‘Ele está deitado.’  
3sg.m-estar.deitado-vblz

Ex 81) Descritivos Objetivos

a) txua doçura  
**pu**-txua ‘ser.doce’  
**pu**-txua-ry txipary ‘A banana é doce’  
vblz-doce-3sg.m banana

b) pataka raiz dependente  
**ka**-pataka ‘estar.quente’  
**ka**-pataka-ry kupitxi  
vblz-estar.quente-3sg.m panela  
‘A panela está quente’

A tabela abaixo nos ajuda a visualizar de forma mais sistemática o que foi dito acima:

Tabela 08

Processos Derivacionais dos Verbos Intransitivos

DERIVAÇÃO SUFIXAL		DERIVAÇÃO PREFIXAL
Intransitivos	Descritivos	Descritivos Objetivos
Padrão	Subjetivos	

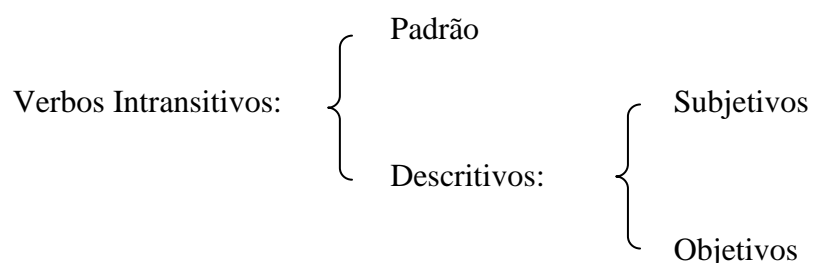
Na Tabela acima, vemos mais um ponto em comum entre os descritivos subjetivos e os intransitivos padrão Apurinã que é o fato de ambos sofrerem processo de derivação por sufixação; enquanto que os descritivos objetivos sofrem processo de derivação por prefixação.

5.5. Reclassificação dos Descritivos Subjetivos

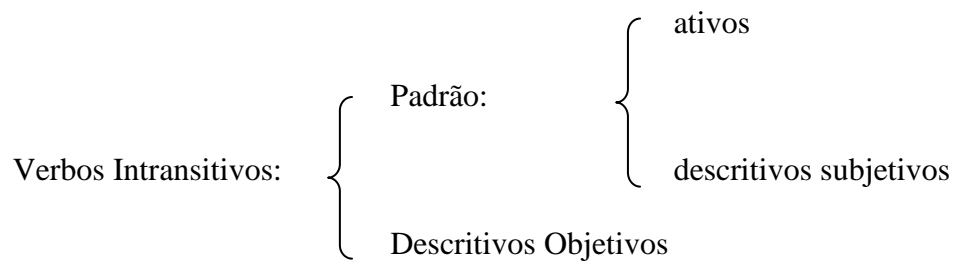
Como vimos nas seções anteriores, os verbos descritivos subjetivos apresentam mais afinidade semântica com os descritivos objetivos, uma vez que ambos denotam propriedades, embora, haja distinção aspectual entre eles. Por outro lado, os descritivos subjetivos se assemelham mais aos intransitivos padrão no que se refere a seus aspectos formais, pois estes possuem o mesmo tipo de agrupamento de marcas pronominais e o mesmo tipo de processo derivacional. Este fato nos leva a repensar a classificação dos (vids), pois embora sejam bem distintos semanticamente dos (vip), formalmente é bem difícil diferenciá-los.

Neste trabalho seguimos as orientações de Dixon (1981) que diz que não é a semântica, mas sim as propriedades sintáticas e/ou morfológicas que determinam a categoria gramatical de um dado item lexical. Sendo assim, achamos mais coerente realocar os descritivos subjetivos, de modo que agora eles passem a fazer parte da categoria dos (vip) e não mais dos (vid), como havia determinado Facundes (2000). Abaixo, podemos ver o esquema da classificação feita por Facundes e em seguida a nossa proposta de classificação para os descritivos subjetivos, que a partir de agora serão chamados de estativos subjetivos.

#### Hierarquia dos Verbos Intransitivos (FACUNDES: 2000)



Na nossa proposta a hierarquia dos verbos intransitivos está disposta da seguinte forma:



De acordo com a nossa proposta de classificação, apenas os descritivos objetivos formariam uma categoria gramatical a parte dos demais intransitivos da língua, dada as suas peculiaridades morfológicas e morfossintáticas.

Isso reforça o que foi dito no início do trabalho (ver seção 2.1) quando dissemos que as palavras descritivas eram uma classe semântica que poderia ser constituída por diferentes categorias gramaticais, como ilustra a figura abaixo:

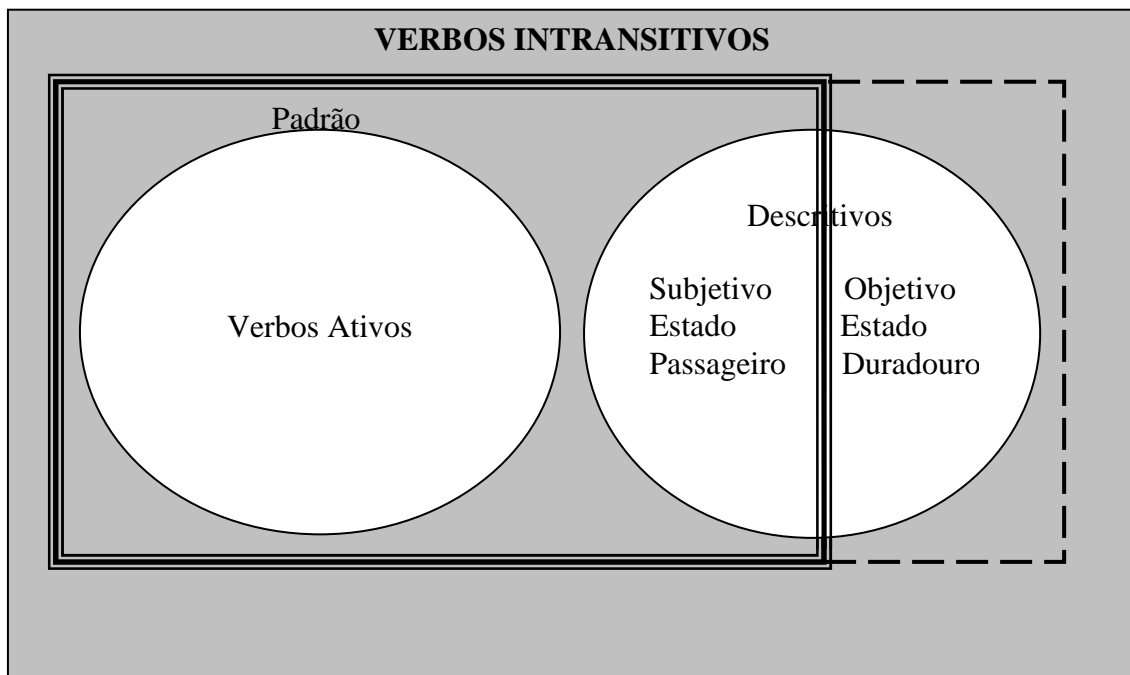
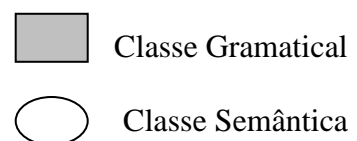


Figura 2: Distribuição Gramatical dos Descritivos





O desenho acima nos mostra que os descritivos são uma classe semântica que pertence a uma categorial gramatical que é a dos verbos intransitivos e que eles estão divididos de acordo com as suas peculiaridades semânticas em: subjetivos e objetivos, sendo que os subjetivos denotam estados passageiros e os objetivos denotam estados duradouros.

De acordo com a nossa proposta de reclassificação para os descritivos, apenas os verbos que possuem uma semântica aspectual que expressa estados mais duradouros são os que formariam uma categoria gramatical a parte dos demais verbos intransitivos na língua Apurinã. Isto vale também para os verbos ambivalentes que carregam pronome de objeto, pois estes se assemelham aos descritivos objetivos tanto no que diz respeito ao estado mais duradouro, quanto ao processo derivacional prefixal que ocorre com eles. Enquanto que os ambivalentes que carregam pronomes de sujeito serão tratados como os estativos subjetivos, por possuírem a mesma semântica e sofrerem o mesmo processo derivacional que estes.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo descrever e analisar as principais propriedades das palavras descritivas Apurinã, a fim de estabelecer-lhes uma classificação gramatical. Dentre os aspectos observados se incluem a semântica, a morfologia e a morfossintaxe dessas palavras.

A noção de ‘adjetivos’ foi apresentada em termos dos ‘tipos semânticos’ e suas relações com as partes do discurso (DIXON: 1981), e descrita segundo os critérios apresentados por Bhat (1994) para identificar/distinguir adjetivos de outras partes do discurso. Relações gramaticais foram abordadas utilizando as noções de S, A e P, tendo como foco os sistemas cindidos S-Cindido e S-Fluido, ambos presentes na língua Apurinã. Para esta discussão seguimos as idéias de Dixon (1994), utilizando-nos também da apresentação do tópico em Payne (1997). Na seqüência, introduzimos a noção de *aktionsart* de Vendler, tendo como apoio o trabalho de Van Valin et Lapolla (1997). Fizemos também uma breve explanação sobre a morfologia derivacional, nos baseando no trabalho de Bauer (1983). E finalmente, definimos o que estamos chamando de palavras descritivas na língua Apurinã.

No capítulo II, estabelecemos uma comparação entre as palavras descritivas e os nomes em Apurinã e em seguida entre os descritivos e os verbos, a fim de observar com qual dessas duas classes os descritivos compartilhavam a maior parte de suas propriedades para enfim atribuir-lhes uma classe gramatical, ao que concluimos que tais palavras pertencem à categoria dos verbos intransitivos da referida língua, passando a ser denominados verbos intransitivos descritivos.

Uma vez estabelecida a classificação dessas palavras como verbos intransitivos, partimos para a descrição das distinções (semânticas e morfossintáticas) existentes entre

os verbos intransitivos padrão (vip) e os verbos intransitivos descritivos (vid). A distinção semântica entre eles é que os primeiros denotam eventos, enquanto que os últimos denotam estados ou propriedades.

A distinção morfossintática nos mostra que, de acordo com a sua distribuição pronominal, os vip pertencem ao modelo Nominativo-Acusativo, enquanto que os vid apresentam um caso de Intransitividade Cindida, com alguns verbos pertencendo ao subgrupo S-Cindido e outros com características típicas do subgrupo S-Fluido.

Outra questão importante concerne às três subclasses de descritivos, a dos descritivos subjetivos, a dos descritivos objetivos e a dos ambivalentes, rotuladas de acordo com o agrupamento pronominal de cada uma delas. Fizemos menção também à distinção semântica existente entre essas subclasses, mostrando que esta é representada pela mudança aspectual entre os verbos descritivos.

Temos os verbos que apresentam casos de *aktionsarten*, ou seja, possuem a semântica aspectual já lexicalizada, apresentando formas distintas para expressar os mesmos conceitos/propriedades, dependendo do fato de essas propriedades serem duradouras ou passageiras, inerentes ou adquiridas.

Em oposição a estes, temos também os verbos descritivos cuja semântica aspectual não é especificada pela raiz do verbo, ou seja, apresentam as mesmas raízes para expressarem tanto a noção de que a propriedade expressa pelo verbo é inerente, quanto a noção de que tal propriedade é adquirida, havendo neste caso alteração do grupo pronominal selecionado pelo verbo para completar seu significado, que será objetivo no primeiro caso e subjetivo no segundo.

Através da análise da distribuição das marcas pronominais nos verbos descritivos, estabelecemos que é a semântica aspectual do descritivo que determina qual série de pronomes presos será agregada a um dado tema verbal. Sendo que, se o

descritivo possui uma semântica aspectual de estado mais duradouro o verbo carregará uma marca pronominal objetiva e se ele possui uma semântica aspectual de estado mais passageiro ele carregará uma marca pronominal subjetiva.

Outro aspecto relevante foi o da morfologia derivacional dos verbos intransitivos descritivos na língua Apurinã. Observamos que, embora a maior parte desses morfemas possua a mesma função, que é derivar verbos descritivos de raízes dependentes ou raízes nominais, eles possuem algumas peculiaridades que nos fizeram agrupá-los em quatro categorias, de acordo com a função de cada um. Essas categorias dizem respeito à informação semântica que cada morfema acrescenta ao verbo descritivo derivado.

A primeira delas, a dos morfemas Verbalizadores, apenas deriva verbos Descritivos a partir de outras raízes. A segunda, a dos Verbalizadores Intensificadores, além de derivar verbos descritivos, também modifica a sua semântica intensificando-a. A terceira categoria é a do Verbalizador Privativo, que não só deriva os verbos descritivos, mas também parece privar o verbo da semântica, que normalmente se esperaria que ele possuísse. A quarta e última categoria é a do Verbalizador Reversivo, que deriva e reverte/anula o significado Privativo/Negativo possivelmente atribuído a um verbo descritivo.

Esses morfemas derivacionais prefixais são responsáveis apenas pela formação de descritivos objetivos, enquanto que os subjetivos sofrem o mesmo processo derivacional que os demais verbos da língua, isto é, os “não-descritivos”, ou seja, derivação sufixal. Essa informação foi de suma importância para que pudéssemos compreender a semântica dos descritivos, pois ao verificarmos que uma dada categoria descritiva só sofre um tipo de processo derivacional concluímos que é o processo derivacional sofrido pelos descritivos que determina a sua semântica e que esta determina a série pronominal a ocorrer com o verbo, tal como já havíamos atestado.

Dessa forma, uma raiz nominal ou dependente que receba um morfema sufixal para derivar um verbo descritivo possuirá uma semântica aspectual mais passageira, isto é, denotará um estado mais transitório e isto fará com que uma marca pronominal de sujeito seja atraído pelo verbo; ao contrário, se a raiz (nominal ou dependente) se tornar um verbo descritivo a partir de uma derivação prefixal, este descritivo possuirá uma semântica aspectual mais duradoura e isto fará com que o verbo carregue uma marca pronominal de objeto.

Após rever as informações semânticas, morfossintáticas e morfológicas sobre os descritivos apresentadas neste trabalho e as apresentadas em Facundes (2000) para os outros verbos da língua Apurinã, apresentamos uma proposta de reclassificação dos descritivos subjetivos, uma vez que essas informações nos levaram a crer que os descritivos subjetivos possuem maior afinidade formal com os verbos “não-descritivos” da língua, de modo que, passamos, a partir deste trabalho, a considerar apenas os descritivos objetivos como uma classe gramatical separada dos demais verbos intransitivos da língua, enquanto que os descritivos subjetivos passam agora a fazer parte da categoria dos verbos intransitivos padrão.

Em conclusão, como resultado, temos um estudo detalhado dos descritivos Apurinã que nos permitiu compreender seu processo de formação, a semântica de tais verbos e como essa semântica é responsável pela seleção de pronomes presos recorrentes com tais verbos. A principal lacuna deixada pelo trabalho é em relação às propriedades sintáticas dos verbos descritivos. Essa lacuna requer dados além daqueles que consideramos em nossa análise. O mesmo pode ser dito em relação às propriedades pragmático-discursivas desses verbos. Contudo, esperamos ter contribuído para uma descrição avançada desses aspectos da língua Apurinã de modo a que essas e outras lacunas possam ser preenchidas em futuros trabalhos, dessa forma colaborando para um

melhor conhecimento das línguas indígenas amazônicas e sua relevância para a teoria e tipologia lingüística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Laurie. **English Word-Formation**. Cambridge University Press: Cambridge, 1983.

BHAT, D. N. S. **The adjectival category: criteria for differentiation and identification**. Studies in Language Companion Series (volume 24). John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1994.

BRANDÃO, Ana Paula. **Dicionário de fauna e flora Apurinã**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará: Belém, 2006.

CHAGAS, Angela. **Classificação das palavras descritivas Apurinã**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará: Belém, 2004.

CASTRO, Thiago. **Uma proposta preliminar de tipologia textual para a língua Apurinã**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará: Belém, 2006.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge University Press: Cambridge, 1976.

\_\_\_\_\_. **Language Universal and Linguistic Typology**. Second Edition. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

DIXON, R. M. W. **Where have all the adjectives gone? – and other essays in semantics and syntax.** Mouton Publishers: Berlin, New York, Amsterdam, 1981.

\_\_\_\_\_. **Ergativity.** Cambridge University Press: Cambridge, 1994.

FACUNDES, Sidney. **The language of the Apurinã people of Brazil.** Tese de doutorado. University of New York: Buffalo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Morfemas ‘Flutuantes’ em Apurinã e a Tipologia dos Clíticos.** *In:* Lucy Seki; Angel Corbera Mori; Wilmar da Rocha D'Angelis. (Org.). **LIAMES. Línguas Indígenas Ameríndias.** 1ª. ed. V. 2. Campinas: UNICAM/IEL-Sector de Publicações, 2002. (pág. 63-83).

\_\_\_\_\_ *et* BRANDÃO, Ana Paula B. (no prelo). **Dicionário Apurinã-Português.**

FRAWLEY, W. **Linguistic Semantics.** New Jersey: LEA, 1992.

KROEMER, Gunter. **Cuxiuara: o Purus dos indígenas – ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do médio Purus.** Coleção: Missão Aberta (Vol.10). Edições Loyola: São Paulo, 1985. (pág. 106-120).

PAYNE, Thomas. **Describing Morphosyntax: a guide for fielding linguistics.** Cambridge University Press: Cambridge, 1997.



SCHIEL, Juliana. **Tronco Velho: histórias Apurinã**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2004.

SOUSA, Elziana. **Um estudo preliminar sobre o gênero em Apurinã**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará: Belém, 2004.

THOMPSON, Sandra A. "A discourse approach to the cross-linguistic category "adjective". *In*: HAWKINS, J. A. (ed). **Explaining language universals**. Oxford: Blackwell, 1988. (pág. 167-85).

VAN VALIN R. *et* LAPOLLA, R. **Syntax: structure, meaning and function**. Cambridge University Press: Cambridge, 1997.